# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

# INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de pós-graduação em Psicologia Social

MARA ALINE DE CAMPOS DOS SANTOS

# DO IGUAL, O IGUAL, CONVERSAS DESARMADAS: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LEITURA DIALÓGICA EM CLUBES DE LEITURA

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

## INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de pós-graduação em Psicologia Social

## MARA ALINE DE CAMPOS DOS SANTOS

# DO IGUAL, O IGUAL, CONVERSAS DESARMADAS: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LEITURA DIALÓGICA EM CLUBES DE LEITURA

Dissertação apresentada à banca examinadora no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre no programa de pós-graduação em Psicologia Social.

Área de concentração: Psicologia Social.

Linha de pesquisa: Psicologia Social de fenômenos histórico-

culturais específicos – artes.

Orientação: Prof. Dr. Arley Andriolo

## AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

### Catalogação na publicação Biblioteca Dante Moreira Leite Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Campos dos Santos, Mara Aline

Do igual, o igual, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura / Mara Aline de Campos dos Santos; orientador Arley Andriolo . -- São Paulo, 2019.

71 f

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

 $1.\ Psicologia\ social$  . 2. Experiência estética . 3. Leitura literária . 4. Leitura dialógica . 5. Clubes de leitura . I. Andriolo , Arley , orient. II. Título .

## MARA ALINE DE CAMPOS DOS SANTOS

# DO IGUAL, O IGUAL, CONVERSAS DESARMADAS: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LEITURA DIALÓGICA EM CLUBES DE LEITURA

Dissertação apresentada à banca examinadora no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre no programa de pós-graduação em Psicologia Social.

Area de concentração: Psicologia	social.	
Data de defesa:de	de 2019.	
Resultado:		
BANCA EXAMINADORA		
Prof(a). Dr(a)		
Instituição:	Assinatura:	
Prof(a). Dr(a)		
Instituição:	Assinatura:	
Prof(a). Dr(a)		
Instituição:	A ccinatura:	



### **AGRADECIMENTOS**

Ao poder superior, que me possibilitou andar por onde andei e chegar até aqui.

À minha família, por ter sempre contribuído com a minha formação, me incentivando e acreditando em mim. Em especial à minha mãe, por ter feito tudo o que pôde para me educar e me ver estudando.

Aos professores e colegas do Ensino Médio da Escola Técnica Lauro Gomes, sem os quais a minha ligação com a leitura e com a literatura não seria tão cheia de significado e afeto.

Ao meu grande amigo André Perone, que me apoiou desde o início e fez alguns sacrifícios pessoais para que eu realizasse um sonho.

Aos professores e colegas da saudosa Universidade São Marcos e da Universidade Metodista de São Paulo, pela formação acadêmica e humana.

Ao professor Renato Tardivo, por todas as portas abertas.

À querida Geruza Zelnys por partilhar comigo suas escrevivências, me mostrando que a leitura pode ferir, mas também pode curar.

À amiga Pricilla Honorato, por me apresentar a Geruza e por compartilhar comigo o amor pela leitura, pelo livro e pelos leitores.

À Maiara Benedito, por dividir as experiências e angústias, quando ainda éramos candidatas ao mestrado.

À Carol Abílio e ao Gustavo Ramos, pelos respiros em mesas de bar.

À Marta Ribeiro, por me apresentar o que é um clube de leitura.

Às secretárias do PST, Nalva, Rosângela, Teresa e Selma, por trabalharem com alegria e respeito aos alunos, pelo acolhimento e simpatia e porque elas nos salvam o tempo inteiro.

Aos muito estimados Richard de Oliveira e Ivy Silva, pelas conversas, pelo carinho, pelas leituras cuidadosas na fase de qualificação e redação final dessa dissertação, realizando valiosas contribuições, e por me tranquilizarem e motivarem nos momentos em que pensei que não conseguiria.

À minha psicanalista Célia Siqueira, por todo o suporte emocional e psicológico durante todo esse desafiador percurso na pós-graduação e ao longo dos últimos dez anos.

Aos colegas do Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte, pelas importantes interlocuções.

Às clubistas e aos clubistas que me acolheram com generosidade tamanha e me revelaram um universo fantástico, de encontros reais, cheios de significados e amizades sinceras.

A todos os demais leitores e escritores com os quais dialoguei durante esses três anos, por serem sempre uma inesgotável fonte de inspiração.

E, finalmente, ao professor Arley Andriolo, não apenas por me aceitar como orientanda, mas por acreditar no meu trabalho, pelo constante estímulo e reconhecimento e por embarcar comigo nessa aventura, com toda sua serenidade, erudição, coerência e engajamento.



### **RESUMO**

O objetivo dessa pesquisa foi lançar luz à questão da experiência estética da leitura literária dialógica e seus efeitos para os sujeitos, no âmbito da prática social de clubes de leitura. Para tal, buscou-se compreender como se dá essa experiência, descrever suas características e compreender a influência de seus efeitos na subjetividade e sociabilidade dos leitores e leitoras, procurando revelar como sujeitos comuns a vivenciam no cotidiano. Foi utilizado o método fenomenológico em pesquisa qualitativa aplicado a três grupos de pessoas de ambos os sexos e com idades entre 23 e 52 anos (considerando apenas os participantes fixos), integrantes de três clubes de leitura com perfis e preferências literárias variadas, em funcionamento na capital e região metropolitana de São Paulo. A discussão de resultados foi realizada por meio de um diálogo interdisciplinar entre teóricos da fenomenologia, da antropologia, da estética e da teoria literária. Os achados da pesquisa envolvem questões relativas à peculiar relação das mulheres com a leitura e com a literatura; a possibilidade de ampliação das formas de subjetivação a partir do encontro com o livro e do diálogo com outros leitores e leitoras e a criação de novos espaços de pertencimento propiciados por esses encontros.

**Palavras-chave**: Clubes de leitura, coletivos de leitura, leitura compartilhada, leitura dialógica, experiência estética literária, efeito estético.

### **ABSTRACT**

The aim of this research was to shed light on the question of the aesthetic experience of literary reading and its effects on subjects within the social practice of reading clubs. To do this, we sought to understand how this experience is given, to describe its characteristics and to understand the influence of its effects on the subjectivity and sociability of readers, trying to reveal how common subjects experience it in everyday life. The phenomenological method in qualitative research was applied to three groups of people of both genders and aged between 23 and 52 years (considering only the fixed participants), members of three reading clubs with varied literary profiles and preferences, operating in the capital and metropolitan region of São Paulo. The discussion of results was carried out through an interdisciplinary dialogue between autors of phenomenology, anthropology, aesthetics and literary theory. The findings of the research involve questions related to women's peculiar relationship with reading and literature; the possibility of expanding the forms of subjectivation from the encounter with the book and the dialogue with other readers and the creation of new spaces of belonging provided by these meetings.

**Keywords:** Reading clubs, reading groups, shared reading, dialogic reading, aesthetic literary experience, aesthetic effect.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. Um passeio pela história: a leitura como fenômeno social	13
1.1. A pesquisa envolvendo clubes de leitura pelo mundo	16
1.2. A estética da recepção	18
2. Síntese dessa proposta	21
3. Caracterização dos grupos e metodologia	24
3.1. Reflexões sobre o método	24
3.2. Encontrando leitores	25
3.3. Um passeio pela ficção científica: o Clube da Blooks	26
3.4. Fortalecendo o poder feminino: Leia Mulheres	28
3.5. Encontros literários sem hora para acabar: Pasárgada	29
3.6. O corpus da pesquisa e o uso da etnografia como ferramenta empírica	30
4. A relação da mulher com a leitura, mediação e produção literária	32
4.1. Indicadores	32
4.2. A mulher como primeira mediadora de leitura	35
4.3. A escritora	41
5. Habitar outros lugares, viver outras vidas	45
6. Apologia ao encontro	51
MOMENTO DE CONCLUIR	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS	63
ANEXO A – Convite para participação em pesquisa em Psicologia social da	arte
	63
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido	66
ANEXO C – Lista de livros lidos pelos grupos durante a realização da pesqu	isa 67

# INTRODUÇÃO

Não sei dizer quando a literatura entrou na minha vida, pois desde que me entendo por gente ela faz parte de mim, de um modo ou de outro.

Na pré-adolescência eu costumava manter diários, como boa parte das crianças nessa idade. As aulas de português sempre eram as que eu mais gostava.

Na adolescência, as interações em roda promovidas pela professora de Língua e Literatura me abriram uma nova perspectiva: a de ler em grupo.

Era particularmente gostoso ler os livros para o vestibular e analisá-los à minha própria maneira para, depois, compartilhar as interpretações com a turma. Isso me dava uma injeção de ânimo e um novo sabor para a relação com o texto.

Na mesma época, meus colegas e eu realizávamos projetos cênicos para a feira cultural que anualmente a escola promovia. Eu era sempre a roteirista das peças, além de cantar, encenar e construir cenários. Poder ter exercido meu potencial criativo em conjunto com pessoas que eram como uma família para mim foi, sem dúvida alguma, uma das experiências mais transformadoras da minha vida.

Já na faculdade, vivi uma crise e descobri que estava com transtorno de pânico e, no meu processo de cura, a leitura teve um importante papel, o que me despertou a curiosidade de saber qual era o lugar e o efeito dela na nossa vida cotidiana.

Movida por essas inquietações é que a ideia dessa pesquisa começou a tomar forma, mas foi um processo que levou anos.

Quando o campo da Psicologia da Arte se abriu para mim, vislumbrei a possibilidade de ver em diálogo duas grandes paixões: a Psicologia e a experiência estética da leitura literária.

Eu, que nunca fui uma leitora voraz como os personagens da narrativa que se constrói a seguir, mas que, ocasionalmente, era capturada por algumas histórias, comecei a pensar sobre o que eu estava lendo e de que maneira isso me tocava, me afetava.

Nessa minha trajetória, encontrei pessoas que demonstravam um amor pela leitura que me intrigava: eu queria saber se a experiência delas se assemelhava à minha e em quais aspectos.

Uma dessas pessoas é minha amiga Marta que, em 2015, ao conversarmos sobre afinidades de leitura num post na rede social, decidiu compartilhar comigo uma ideia. Marta queria reunir algumas amigas e criar um Clube de Leitura. Eu, que até então nunca havia

conhecido nada a respeito, acolhi a proposta de Marta com atenção e empolgação e a incentivei a colocá-la em prática.

Marta estabeleceu algumas diretrizes para o funcionamento do clube, esboçou orientações para sua condução, convidamos outras seis amigas e iniciamos.

Nessa época eu já pensava em ingressar no curso de mestrado, almejava desenvolver a minha pesquisa no Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte (LAPA-IP/USP)<sup>1</sup>, pesquisando justamente a experiência de leitura, em algum aspecto.

A princípio, eu não sabia que o convite de Marta abriria possibilidades para eu mergulhar nesse universo da leitura e, mais do que isso, despertaria minha curiosidade por desvendar as particularidades do ato de se conversar a respeito do que se lê.

Acredito que seja importante deixar isso bem claro desde o princípio para que o leitor saiba qual o meu lugar, enquanto pesquisadora, nesse trabalho.

Não é um lugar, em nenhum momento e de nenhuma maneira, isento. Não é um olhar lançado externamente para um fenômeno, é um olhar *em relação*, é um olhar *de dentro*.

E é isso, justamente, que pressupõe o método fenomenológico, escolhido para trilhar os caminhos deste trabalho.

A fenomenologia tem entre seus principais pressupostos a *intencionalidade* da consciência humana, ou seja, a noção de que só é possível compreender um determinado objeto em sua relação com a consciência do sujeito que o percebe, sendo o fenômeno inaugurado no encontro, e não um dado apreendido de forma exogênica.

Assim, pesquisa e pesquisador podem ser compreendidos como entidades intrinsecamente relacionadas, pois: "a consciência é sempre 'consciência de alguma coisa', ela só é consciência estando dirigida a um objeto [...]. Por sua vez, o objeto pode ser definido em sua relação com a consciência, ele é sempre objeto *para-um-sujeito* "(DARTIGUES, 1992, p. 18).

Entretanto, eu não poderia, em momento algum, julgar que este trabalho foi construído exclusivamente por mim, ao contrário, esta pesquisa contou com inúmeros parceiros que figuram explicitamente ou não nessas páginas, mas que, de qualquer maneira, as marcam.

Sabemos que a busca por conhecimento sempre esteve intimamente relacionada à busca da Verdade. Entretanto, não existe uma única e absoluta verdade, mas uma verdade que se relaciona a uma comunidade específica. Nessa medida, o saber de cada comunidade funciona de maneira diferente e atende a diferentes propósitos (GERGEN, 2010).

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> O Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte (LAPA) integra o departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP).

Tal perspectiva, chamada de *construcionismo social*, propõe que o conhecimento é formado de uma pluralidade de saberes que devem integrar-se mutuamente transpondo barreiras disciplinares e, sobretudo, abrindo possibilidades de diálogo com o público a quem a pesquisa acadêmica se direciona (GERGEN, 2010).

Nessa perspectiva, a construção do conhecimento é, portanto, realizada de maneira intersubjetiva. Aqui encontramos um ponto de substancial convergência entre o construcionismo social e a fenomenologia, em especial a fenomenologia de Merleau-Ponty, quando ele postula que: "ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar-se interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 142). Diversas reflexões sobre formas de se pesquisar em ciências sociais, utilizando métodos qualitativos, foram suscitadas durante o curso "O trabalho de campo na pesquisa qualitativa em Psicologia", ministrado pelas professoras doutoras Leny Sato, Marilene Proença e Cris Andrada nos programas de pósgraduação em Psicologia Social e do Trabalho e Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (IP-USP), durante o segundo semestre do ano de 2017. Além disso, estudos em grupo realizados no LAPA contribuíram para que eu me alinhasse às premissas do construcionismo, em seus diálogos possíveis com a fenomenologia, que influenciaram minha postura metodológica em dois sentidos.

O primeiro relaciona-se a uma pergunta fundamental que todo pesquisador deveria se fazer, mas que muitas vezes é perdida de vista: "A quem serve essa pesquisa?". Tal reflexão ocasiona repercussões de ordem ética e política e abre caminho para contrapor a postura acadêmica tradicional que, nas diferentes ciências sociais, coloca o pesquisador no lugar de quem sabe sobre a experiência e realidade do outro melhor do que ele próprio, aproveitandose de análises dessa experiência para construir um conhecimento técnico ao qual a própria comunidade onde a pesquisa é desenvolvida jamais poderá ter acesso, por escassez de repertório específico, limitações de linguagem e/ou outras.

Pensando nisso, faço aqui uma escolha de escrita - em primeira pessoa – por meio da qual pretendo me aproximar e dialogar tanto com a comunidade acadêmica, quanto com leitores literários e com a sociedade em geral, garantindo que todos possam ter acesso ao conhecimento que venha a ser engendrado ao longo dessas linhas e estabeleçam com ele comunicação, de maneira a indicar se seu conteúdo lhes contempla, se é mesmo útil e significativo.

O segundo aspecto diz respeito à construção da narrativa. Sabemos que dependendo de quem conta uma história e com que finalidade, ela pode tomar formas muito diferentes

(GERGEN, 2010). Considerando esse e o fato de que não deve haver soberania de nenhum saber, de forma que a "verdade" seja sempre uma construção conjunta, essa dissertação será escrita a muitas vozes, ainda que a minha predomine. Devo ressaltar o quanto sou grata por todas as outras generosas vozes que se dispuseram a compor comigo esse coro. Ninguém melhor para contar uma história do que aquela ou aquele que a vive.

As múltiplas vozes que aparecerão nessa dissertação são as vozes de diversos personagens, com suas histórias de vida únicas, com sua experiência singular de relação com a leitura e com a literatura, vozes que, juntas, formam a base e o corpo dessa pesquisa.

Dessa forma, gostaria de apresentar sinteticamente o conteúdo de cada capítulo que compõe essa narrativa.

O primeiro capítulo, "Um passeio pela história: a leitura como fenômeno social", tratará de realizar um breve panorama sobre as práticas de leitura coletiva, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, concluindo-se com alguns comentários sobre pesquisas recentes envolvendo clubes de leitura.

O segundo capítulo, "Caracterização dos grupos e metodologia", trará as apresentações dos grupos com os quais trabalhei e os percursos metodológicos da presente pesquisa, em termos teóricos e práticos.

A partir do terceiro capítulo, "A relação da mulher com a leitura, mediação e produção literária", inicia-se a apresentação e discussão dos resultados dessa pesquisa e nele tratarei da relação das mulheres com a literatura, em termos de recepção, mediação e produção.

No quarto capítulo, "Habitar outros lugares, viver outras vidas", explorarei a experiência estética da leitura literária como forma de viver experiências diferentes daquelas vividas cotidianamente, a partir do contato com personagens, mundos e tempos diferentes dos nossos, de forma a ampliar o repertório representacional e simbólico e favorecer novas formas de subjetivação e socialização.

No quinto capítulo, "Apologia do encontro", abordarei o compartilhamento e a dialogicidade como possibilidade de ampliação da experiência de leitura e a criação de novos espaços de pertencimento. No capítulo final "Momento de concluir", apresento algumas conclusões e possíveis caminhos para novos estudos envolvendo clubes de leitura.

## 1. Um passeio pela história: a leitura como fenômeno social

A história da leitura faz parte de uma nova matriz historiográfica desenvolvida na França nos anos 1970, que ficou conhecida como *nova história cultural*. A nova história propunha novos objetos de estudo, novas abordagens e novos problemas para a área. As práticas de leitura então se constituem como um desses "novos objetos", que passam a adquirir interesse e importância histórica.

Um dos historiadores vinculados a essa nova matriz é o francês Roger Chartier, que dedicou seus estudos à história do livro, da edição e à compreensão dos impactos das práticas de leitura nas chamadas "comunidades interpretativas" ao longo da história.

Desde os primórdios da palavra escrita<sup>2</sup>, ler sempre foi um ato social em, pelo menos, dois aspectos fundamentais:

1) por se tratar de um processo comunicativo no qual um emissor utiliza-se de um código específico, neste caso a linguagem, para endereçar uma mensagem a um destinatário;

O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que as decifrasse, que reconhecesse seu significado, que lhes desse voz. Escrever exigia um leitor [...] Nesse ponto, a existência do texto é silenciosa, silenciosa até o momento em que um leitor o lê. Somente quando olhos capazes fazem contato com as marcas na tabuleta é que o texto ganha vida ativa. Toda escrita depende da generosidade do leitor (MANGUEL, 1997, p. 207).

2) porque, durante muitos séculos, alguns poucos letrados eram responsáveis por decodificar escritos para as comunidades não letradas, por meio de leitura em voz alta e de leituras públicas.

A esse segundo aspecto relaciona-se o fato de que a história das práticas de leitura está intimamente associada à história dos suportes de acomodação da escrita. Nas sociedades antigas, apenas aqueles que eram capazes de manusear e trabalhar com esses suportes sabiam decodificar seus conteúdos e eram os responsáveis por disseminar a mensagem contida neles, tornando a leitura uma prática oral e coletiva. Um exemplo disso era a educação em Atenas, onde as crianças eram incentivadas a decorar e recitar trechos das epopeias de Homero.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Estima-se que a escrita tenha sido inventada por volta do final do quarto milênio a.C., quando as comunidades agrícolas da Mesopotâmia abandonaram suas aldeias dispersas e reagruparam-se em torno de centros urbanos maiores, que logo se tornaram cidades-estados. A partir de então, engendrou-se uma sociedade cada vez mais complexa, incorporando leis, éditos e regras de comércio. Acredita-se que o comércio tenha sido o principal motivador da invenção da escrita (MANGUEL, 1997).

Assim, desde a Mesopotâmia, o domínio da palavra escrita constituiu-se como um símbolo de sabedoria e poder. "Aqueles que podem ler, veem duas vezes melhor", escreveu o poeta Menandro no século IV a.C. (MANGUEL, 1997, p. 216).

A prática da leitura silenciosa, isto é, o hábito de *leitura individual e em silêncio*, surgiu apenas na Idade Média, com o trabalho dos monges copistas, por conta de especificidades do contexto e da função social em que eles estavam envolvidos. Os monges que eram responsáveis pelas cópias, isto é, pela réplica de manuscritos, necessitavam de um ambiente silencioso que favorecesse a leitura atenta e garantisse a precisão do trabalho. Ao longo dos tempos a leitura silenciosa laicizou-se, ampliando-se consideravelmente a partir do século XV, após a invenção da imprensa.

No século XVIII, com o advento do romantismo na literatura e a criação das feiras de livros em várias cidades europeias, a prática da leitura se popularizou, impactando fortemente a sociedade da época. Prova disso é o fato de que a leitura de panfletos políticos e escritos iluministas teve papel importante na mobilização da ação revolucionária burguesa, na França de 1789.

Embora a leitura individual e silenciosa tenha se ampliado, paulatinamente, ao longo da história ocidental, na medida em que mais pessoas tornavam-se letradas, a prática coletiva da leitura nunca deixou de existir.

Manguel (1997) aponta que em diferentes momentos históricos evidenciou-se o caráter da leitura como atividade social e compartilhada.

Um desses momentos explorado pelo autor diz respeito à experiência instituída no mosteiro Cassino, no ano de 529, por São Bento de Núrsia que estabelecia a leitura como parte essencial da vida diária no mosteiro. Durante as refeições, os frades deveriam assumir uma postura silenciosa, atenta e contemplativa para fruir, comunitariamente, a leitura de textos escolhidos e recitados por um leitor designado. A partir do começo do século XII a prática se difundiu pelos mosteiros cistercienses, fundados por toda a Europa.

Na idade média, reunir-se para ouvir alguém ler em voz alta tornou-se também uma prática tão comum quanto necessária também no mundo laico, uma vez que, como dito anteriormente, a comunidade letrada era bastante diminuta. "Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores" (MANGUEL, 1997, p. 138).

Era comum também a leitura compartilhada em ambiente privado, sobretudo nas cortes, mas também em casas de populares, os livros eram lidos durante os jantares por familiares e amigos com fins tanto de instrução quanto de entretenimento.

Nos Évangiles des quenouilles, uma coleção de contos do século XV, há relatos de uma reunião de mulheres que amiúde se encontravam para fiar e conversar despojadamente e, nesses encontros, criticavam a publicação de pasquins difamatórios e livros caluniosos contra a honra das mulheres. Fazia parte desses encontros a leitura compartilhada de textos sobre os sexos, casos de amor, relacionamentos conjugais, superstições e costumes locais, na qual cada uma das integrantes realizava a leitura de um capítulo. "Durante seis dias as mulheres leem, interrompem, comentam, fazem objeções e explicam, parecendo divertir-se imensamente" (MANGUEL, 1997, p. 141). Trata-se de uma espécie de grupo de leitura avant la lettre.

Leituras públicas informais em reuniões não programadas eram bastante habituais também no século XVII.

Na França do século XVIII, durante o iluminismo, tornaram-se comuns os chamados "Salões (ou recepções) parisienses" nos quais uma elite intelectual se reunia para compartilhar leituras e debater ideias. Há um grande destaque para o protagonismo feminino, não apenas na organização, mas no governo intelectual destes salões, fato que chama a atenção devido à hegemonia masculina nas ciências e nas letras até então.

Voltaire considera que o chamado "homem de letras" é também um "homem da ciência", distinto, entretanto, do erudito. Conceituado pelo filósofo como um homem de *belo espírito*, seria alguém de quem se "pressupõe menos cultura, menos estudo e não requer nenhuma filosofia; consiste substancialmente na imaginação brilhante, nos prazeres da conversa, sustentados pelas leituras correntes" (VOLTAIRE, 1968 *apud* CHARTIER, 1997, p. 119-120).

Desfrutar a companhia de pessoas escolhidas, rendendo-se aos prazeres da conversa, do salão e da mesa, era a premissa dos encontros parisienses (CHARTIER, 1997).

A respeito da importância dessas reuniões em relação aos hábitos de leitura de seus integrantes, Chartier (1997, p. 129) vai recuperar uma passagem de uma carta do abade Galiani - vivendo em Nápoles e, portanto, longe dos salões parisienses - ao filósofo Diderot, escrita em setembro de 1772:

"Perguntais-me se li o abade Raynal? Não. Mas por quê? Porque não tenho nem tempo e nem gosto pela leitura. É impossível ler sozinho, sem ter com quem conversar, com quem discutir ou fazer boa figura, ou escutar, ou ser escutado. [...]".

Verifica-se, portanto, uma grande ênfase no poder das conversas na experiência daquelas pessoas, marca fundamental dos salões parisienses do século XVIII, que talvez sejam os precursores mais próximos daquilo que hoje chamamos de "Clubes de Leitura", com o devido distanciamento e distinções sociais e históricas. Portanto, a novidade apresentada por

essas comunidades intelectuais do século XVIII em relação aos relatos históricos anteriores, diz respeito à difusão da *conversa como prática de leitura*.

Outro elemento relevante apontado por Chartier (1997, p. 133) é o caráter eminentemente democrático dessas reuniões, nas quais "os jogos literários, o intercâmbio de informações, o confronto de ideias, o exercício da crítica e a elaboração de projetos filosóficos" eram realizados numa sociedade em que nobres e plebeus se encontravam lado a lado e onde suas diferenças de condição e estado eram suprimidas em prol da igualdade exigida pelo debate intelectual.

Manguel (1997) nos apresenta uma experiência mais recente e latina de compartilhamento de leitura que ocorreu nas fábricas de charuto cubanas no século XIX.

Nessas iniciativas, um leitor era pago pelos próprios trabalhadores para realizar a leitura, em voz alta, de textos escolhidos em consenso pelos membros dos grupos, uma vez que, naquela época – meados dos anos 1860 – apenas 15% da população cubana sabia ler. O jornal *La Aurora*, fundado em 1865 por Saturnino Martínez, charuteiro e poeta, precursor da iniciativa de leitura nas fábricas, publicava em 7 de janeiro de 1866 uma matéria sobre essa experiência, salientando que os livros eram "fonte de amizade duradoura e grande entretenimento" (MANGUEL, 1997, p. 133). Entretanto, não tardou até que essas práticas começassem a incomodar e fossem consideradas subversivas e, então, proibidas por decreto pelo governo da época.

Como veremos nos capítulos posteriores desta dissertação, até hoje pessoas empunhando livros continuam sendo causa de grandes incômodos.

## 1.1. A pesquisa envolvendo clubes de leitura pelo mundo

Mesmo tendo sofrido um incremento progressivo nos últimos anos, sobretudo na Europa, Estados Unidos e Canadá, a produção acadêmica a respeito do fenômeno contemporâneo dos Clubes de Leitura requer maior variação de problemas e abordagens. Entretanto, devemos considerar que os clubes de leitura só despertaram o interesse de pesquisadores muito recentemente, talvez por eles próprios serem um fenômeno recente.

DeNel Rehberg Sedo é professora no departamento de Estudos de Comunicação na Mount Saint Vincent University, no Canadá e em 2003 publicou uma pesquisa que apontou que, no início dos anos 2000, raros eram os estudos sobre clubes de leitura (SEDO, 2003).

Em pesquisa mais recente, na área de biblioteconomia, Elsayed (2010) indica que a produção científica específica estaria dividida, fundamentalmente, em dois grupos: 1) estudos

que exploram a leitura compartilhada como ferramenta no processo educacional; 2) pesquisas que se debruçam sobre os clubes como fenômenos sociais, considerando os processos grupais e a experiência de seus membros.

A autora postula também que, naquela ocasião, as pesquisas do segundo grupo, que são justamente aquelas que mais se assemelham a este trabalho, se concentravam mais na experiência dos próprios leitores, em especial mulheres, do que nos próprios clubes e que elas haviam sido desenvolvidas majoritariamente nas áreas de sociologia e ciências sociais.

A fim de checar e atualizar esses dados, realizei uma pesquisa na coleção principal da base de dados "Web of Science", com última atualização em agosto de 2018, e os resultados foram muito semelhantes aos encontrados por Elsayed (2010).

Para a pesquisa, foram introduzidas as seguintes palavras-chave: "reading group", "reading club", "reading circle", "reading wheel" no tópico, entremeados pelo *operador booleano* "or". A pesquisa retornou 255 resultados, com artigos publicados em todos os anos, sendo 157 deles produzidos apenas nos últimos 10 anos. Com isso, notou-se um aparente aumento na produção acadêmica sobre as experiências em clubes de leitura nos últimos anos ou que, pelo menos, os termos relativos a essas práticas de leitura compartilhada começaram a figurar nos trabalhos acadêmicos com mais frequência nesse período. Entre junho e agosto de 2018, observou-se que, a cada mês, uma média de três novos artigos foram incluídos na base de dados.

Após a realização de uma seleção, a partir de alguns critérios de exclusão<sup>3</sup>, houve 50 produções (artigos e livros) remanescentes, em todos os anos. Realizando breve análise dessas produções, verifiquei que a classificação estabelecida por Elsayed se mantém, ou seja, os trabalhos sobre coletivos de leitura continuam separados em dois grandes grupos: 1) com cunho de investigação pedagógica, ou seja, a leitura compartilhada como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e 2) a leitura compartilhada como manifestação de um fenômeno da vida social.

Tive acesso ao conteúdo integral de 29 das 50 produções sobre clubes de leitura, oriundas da base de dados utilizada.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Foram excluídos da pesquisa os seguintes tipos de trabalhos: artigos ou livros que continham uma das palavraschave no título ou resumo, mas não eram sobre clubes de leitura. A partir desse critério simples de exclusão, observou-se que os trabalhos que não seriam considerados na pesquisa eram de duas ordens: 1) artigos ou livros que mencionavam a experiência de leitura compartilhada, mas com cunho informativo/didático, ou seja: que tratavam, na realidade, de "grupos de estudo" de temáticas específicas e não de clubes de leitura literária; 2) como extensão do segundo critério, foram excluídos artigos ou livros das áreas de ciências naturais.

A pesquisa sobre o tema no âmbito internacional é vasta e tem aumentado progressivamente ao longo dos anos (ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, 2016). Porém, há notáveis diferenças quanto ao progresso dos estudos relacionados a essas práticas no Brasil.

A fim de verificar a produção científica na área no país, utilizamos os termos "Clube de leitura" e "Clubes de leitura" nas seguintes bases de dados: Dedalus, Scielo ePepPsic e as pesquisas não retornaram resultados.

Entretanto, tive acesso ao trabalho de Luzia de Maria, doutora em letras pela USP, no livro intitulado *O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?*, lançado pela editora Global em 2016, que trata da experiência de formar leitores pela prática da leitura compartilhada no contexto escolar.

Após nova busca, encontrei o trabalho de Neto e Steindel (2016) intitulado *O clube de leitura: vigilâncias da escola nova em Santa Catarina (1944 – 1946)* que trata sobre as associações auxiliares da escola no estado de Santa Catarina no período correspondente.

## 1.2. A estética da recepção

Na tentativa de discutir, articular e elucidar alguns aspectos dessa pesquisa, conforme veremos na discussão de resultados, além de uma aproximação dos enunciados da estética da recepção de Jauss, tornaram-se especialmente interessantes as contribuições de Iser sobre o *efeito estético*, uma vez que o principal objetivo dessa pesquisa foi justamente lançar luz à questão do efeito que a leitura literária dialógica produz nos leitores e leitoras.

Embora principalmente Iser se valha de noções oriundas tanto da fenomenologia, quanto da psicologia e da psicanálise, é necessário que não se desvie a atenção do fato de que ambos, enquanto intérpretes e críticos literários, orientam suas posições de acordo com os princípios e interesses de suas áreas. Assim, torna-se imprescindível uma constante tentativa de aproximação das teorizações destes autores a uma perspectiva psicológica.

Embora muitos estudos desenvolvidos em Psicologia da Arte, no Brasil e no exterior, venham privilegiando a recepção das artes plásticas, a chamada *Estética da Recepção* parte de um arcabouço teórico que visa construir novos métodos para a história e crítica literárias.

Formulada por Hans Robert Jauss na Alemanha da década de 1960, a chamada "estética da recepção" surge como alternativa aos métodos clássicos de estudo da literatura, que vinham sofrendo fortes críticas. Aliás, o cenário da época era de insatisfação, marcado por diversas manifestações políticas e intelectuais que influenciaram mudanças sociais,

afetando de forma particular a vida universitária, censurando os métodos acadêmicos tradicionais de produção do conhecimento (ZILBERMAN, 1989).

As críticas empreendidas por Jauss, professor da Universidade de Constança, situamse nesta cadeia de acontecimentos e contrariam os métodos da história da arte que, segundo
ele, ou "ordenavam seu material em termos de tendências gerais, gêneros e 'outras categorias'
[para, em seguida, classificar as obras] ou ordenavam seu material de modo unilinear segundo
a cronologia dos grandes autores, apreciando-os conforme o esquema de 'vida e obra'"
(JAUSS, 1994, p. 06). Estes são, segundo Jauss (1994), métodos para se reconstituir a história
desvinculados da verdadeira historicidade. Por outro lado, também não apresentam uma
perspectiva estética, uma vez que, seguindo uma pretensão historiográfica, procuram atender
critérios de objetividade e neutralidade.

O objetivo de Jauss é alterar este quadro e, para tanto, "propõe uma história da arte fundada em outros princípios, que incluam a perspectiva do sujeito produtor, a do consumidor e sua interação mútua" (ZILBERMAN, 1989, p. 32).

Para Jauss (1994), a vida histórica da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário, método por meio do qual seria possível conceber dialeticamente a função da arte que é, simultaneamente, formadora e modificadora de opinião, superando, desta forma, sua abordagem mimética.

Em suma, o esteta aponta a necessidade da história e da crítica literária reconhecerem e incorporarem a dimensão da recepção e do efeito da literatura, pois, desta forma, cumpririam reconciliar o caráter estético e o papel social da arte, visto que ambos se concretizam na relação da obra com o leitor, possibilitando, inclusive, estabelecer relações mais consistentes entre o passado e o presente.

Jauss entende o texto como uma estrutura de apelo [*Appelstruktur*] que demanda a participação do leitor, tornando-o uma peça essencial da obra, que, por sua vez, só pode ser compreendida enquanto uma modalidade de comunicação. Diz Zilberman (1989, p. 21):

É o recebedor que transforma a obra, até então mero artefato, em objeto estético, ao decodificar os significados transmitidos por ela. Em outras palavras, a obra de arte é um signo, porque a significação é um aspecto fundamental de sua natureza, mas ela só se concretiza quando percebida por uma consciência, a do sujeito estético.

Contudo, Jauss reformula a concepção de leitor, desenvolvendo a noção de *leitor implícito*. O autor acredita que a compreensão da recepção de um texto encontra-se no interior do sistema literário e, portanto, despreza a necessidade de recorrer à psicologia do leitor. Assim, o leitor previsto pelo texto, seria o leitor implícito, ao passo que o leitor real seria

aquele que demandaria o conhecimento da psicologia. Sobre isso, comenta Zilberman (1989, p. 34):

Em vez de lidar com o leitor real, indivíduo com suas idiossincrasias e particularidades, Jauss busca determinar seu virtual "saber prévio" (p. 174). Para tanto, ele não interroga as pessoas, que só poderiam fornecer poucas informações [...] Sua consulta é dirigida às próprias obras; pois, na medida em que participam de um processo de comunicação e precisam ser compreendidas, elas apropriam-se de elementos do código vigente. (p. 175).

Embora concordemos com a premissa de que a obra apropria-se de um "saber prévio", acreditamos que o aviltamento do leitor real, enquanto sujeito histórico, no pensamento jaussiano, apresenta problemas.

Segundo as premissas de Merleau-Ponty (1991) sobre o "impensado na leitura", é impossível delimitarmos o que é do leitor e o que foi extraído do texto, de forma que a ideia de um "leitor implícito" (virtual)de fato nos parece inconsistente na medida em que há um *universo de leitores possíveis*, concretos e singulares.

Portanto, tanto os aspectos psicológicos do leitor quanto a composição literária devem ter igual relevância investigativa, ou melhor, a ênfase deve estar *na relação*. O que deve nos interessar no estudo da recepção estética é aquilo que está "entre" o receptor e a obra e, portanto, não se deve desprivilegiar nem um, nem o outro, pois um não existe sem o outro.

Por outro lado, nas "Colocações gerais" do ensaio de 1979, traduzido para o português por Lima, Jauss (1979, p. 45) relata a convicção de que a experiência estética não pode ser considerada um privilégio dos especialistas e que:

a reflexão sobre as condições desta experiência tampouco há de ser um tema exclusivo da hermenêutica filosófica ou teológica. Essa declaração talvez me possa poupar as desculpas usuais de diletantismo, pela inevitável ultrapassagem dos limites acadêmicos.

Sem dúvida, a psicologia não deve negligenciar a preocupação sobre como o *sujeito comum* (e não apenas o aficionado de arte - radicalizando a proposta de Jauss) vivencia a arte e quais os efeitos que esta produz nele.

## 2. Síntese dessa proposta

O Brasil não é um país de leitores<sup>4</sup>, este é um fato amplamente reconhecido e se deve às nossas peculiaridades histórico-culturais. Os problemas sociais do país são de ordem decisiva, pois, conforme o relatório "Retratos da leitura no Brasil" do Instituto Pró-livro em parceria com o Ibope<sup>5</sup>, apesar do aumento na escolaridade média do brasileiro, apenas uma em cada quatro pessoas domina plenamente habilidades de leitura, escrita e matemática, ou seja, verifica-se um caráter mais quantitativo do que qualitativo nesse aumento de escolaridade (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016).

Por outro lado, são socialmente difundidas muitas pesquisas e estudos referentes à importância da leitura no cotidiano das pessoas. Os ganhos, geralmente apontados, incluem a ampliação do repertório cultural, linguístico, educacional e expressivo-comunicacional dos sujeitos.

Numa perspectiva psicossocial, existem trabalhos que discutem, sob outros enfoques teóricos e metodológicos, as experiências de leitura, apresentando interessantes perspectivas que dialogam, em alguma medida, com aquelas que buscarei explorar no presente trabalho. Destaco, aqui, os estudos de Ferreira e Dias (2005) e Bosi (1977).

Entretanto, a especificidade do que se propõe aqui é abordar a experiência estética da leitura literária por meio da reflexão sobre os processos sociais próprios do contexto de compartilhamento da experiência de leitura.

Vale destacar, em paralelo, que iniciativas de leitura compartilhada tem ganhado espaço no Brasil, especialmente na região metropolitana de São Paulo, sobretudo nos últimos seis anos, a partir dos famigerados "Clubes de leitura", cujo número tem aumentado exponencialmente, sendo que mais três dessas iniciativas foram lançadas na *Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)* em julho de 2017.

Sendo a leitura ao mesmo tempo um ato individual e social (porque coloca o leitor em confronto com a perspectiva do autor), e, além disso, se os clubes de leitura têm surgido e se expandido, é possível concluir que a experiência estética da leitura literária constitui-se como

<sup>5</sup> A pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" é realizada pela Fundação Pró-Livro e executada pelo Instituto Ibope Inteligência. Foram 5012 entrevistas domiciliares entre novembro e dezembro de 2015, com brasileiros residentes no Brasil com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Embora não seja uma tarefa simples delimitar a noção de "leitor", que pode variar de acordo com cada abordagem específica, estamos utilizando aqui um parâmetro puramente estatístico, baseado no critério adotado pelo Ibope ao desenvolver os *Retratos da Leitura no Brasil*, que considerou leitor(a) aquele ou aquela que leu pelo menos um livro inteiro ou em partes nos 3 meses anteriores à realização da pesquisa.

um campo que permite investigações de múltiplas abordagens e enfoques, amplas, plurais e interdisciplinares, como as que procuramos empreender durante nosso percurso.

Tendo em vista esses apontamentos, fica clara a importância da realização de mais estudos sobre o fenômeno da leitura e da leitura compartilhada, visando, inclusive, fomentála, já que é uma prática tão pouco difundida em nosso país.

Pensando nisso, inicialmente, nossa pesquisa pretendia investigar a relação de um grupo de jovens leitoras com a literatura de entretenimento (*best seller*). Este grupo havia se constituído por demanda espontânea e de maneira informal, a partir da iniciativa da idealizadora que, ao decidir formar um clube de leitura, convidou algumas amigas para participarem. Assim, as integrantes do grupo eram todas jovens mulheres entre 26 e 29 anos, de classe média e ensino superior completo, residentes no ABC Paulista e que já cultivavam o hábito da leitura antes do surgimento do grupo.

Por conta de seu caráter informal e pelo fato das participantes já terem uma relação prévia de amizade, as reuniões do grupo ocorriam tanto em locais públicos como cafés, shoppings e parques, quanto em ambientes privados, como a residência de uma das participantes.

Eu, como já mencionei na introdução desse trabalho, era uma das integrantes do grupo e pretendia desenvolver essa pesquisa com ele, entretanto, durante o processo de apresentação da proposta no final do ano de 2016, outras demandas se apresentaram e então veio a decisão de realizá-la com outros grupos, a fim de enriquecê-la e ampliá-la, conhecendo experiências diversas. Assim, a ideia original se transformou, pois "o caminho se faz ao caminhar", como na arte, como na literatura.

Dessa forma, iniciei um mapeamento de outros grupos em funcionamento na capital de São Paulo e na região do ABC, conforme será detalhado no próximo tópico.

O encontro com os grupos eleitos fez com que eu me deparasse com propostas e perfis muito diferentes do grupo com o qual eu inicialmente pretendia trabalhar, dessa forma, o enfoque deixou de ser a experiência de ler literatura de entretenimento - os famosos *best sellers* -, e passou a ser o compartilhamento da experiência de leitura em geral, a fim de contemplar a pluralidade de gêneros narrativos e textuais lidos pelos três grupos com os quais trabalhei.

Nessa medida, os objetivos de nossa pesquisa foram compreender o que seria e como ocorria a experiência estética da leitura literária no âmbito de um clube de leitura, descrever suas características e compreender a influência de seus efeitos na subjetividade e

sociabilidade dos leitores e leitoras, procurando revelar como sujeitos comuns a vivenciam no cotidiano.

## 3. Caracterização dos grupos e metodologia

Nos tópicos do presente capítulo, o leitor e a leitora encontrarão considerações sobre o método utilizado no processo de realização desta pesquisa, bem como informações a respeito dos primeiros contatos com os grupos e um detalhamento de suas propostas e perfis.

### 3.1. Reflexões sobre o método

Antes de continuar contando essa história, fazem-se necessários dois dedos de prosa sobre a escolha do método fenomenológico, que orientou a pesquisa e minha postura perante o fenômeno.

A ciência positivista, representada pelos métodos e técnicas utilizados na pesquisa experimental, preconiza a necessidade do fenômeno a ser estudado atender a algumas exigências: 1) ser observável; 2) ser passível de mensuração e 3) que sua existência e características possam ser atestadas por mais de um observador (Moreira, 2002).

Esse modelo conquistou grande espaço e se consagrou também nas ciências humanas e sociais, enquanto o "verdadeiro modo de fazer ciência".

Entretanto, ao longo do século XX, a corrente genericamente conhecida como "interpretacionista" surgiu em contraposição à positivista, sendo seu principal argumento o de que o modelo, adequado às ciências naturais, apresentava sérios problemas quando se tomavam por objeto os fenômenos humanos.

No âmbito das abordagens interpretacionistas, podemos localizar a fenomenologia, que tem entre seus principais pressupostos a *intencionalidade* da consciência humana, ou seja, a noção de que só é possível compreender um determinado objeto em sua relação com a consciência do sujeito que o percebe, sendo o fenômeno inaugurado no encontro.

Segundo Moreira (2002), podemos entender como "experiência" tudo aquilo que, sendo próprio do mundo interno do sujeito, não é acessível aos outros, ao contrário do comportamento, que é externo e, portanto, passível de observação.

Sendo a experiência estética um fenômeno inobservável por definição e irreprodutível, uma vez que ocorre em estreita relação com a consciência e com as subjetividades daqueles que a vivem, uma pesquisa experimental não seria coerente com o caráter do objeto.

Dessa forma, a singularidade da experiência faz com que cada um dos parceiros envolvidos na pesquisa adquira importância fundamental para a construção do saber que dela

se resultará. Assim, também minha participação é influente, jamais neutra, de forma que a etnografia<sup>6</sup> torna-se coerente com a abordagem fenomenológica do objeto, como veremos mais detalhadamente no item 3.6. deste capítulo.

Assim, procurei adotar uma postura fenomenológica a fim de me orientar nessa trajetória e agora já posso voltar a falar sobre os passos que constituíram esse caminho inspirador.

### 3.2. Encontrando leitores

Uma vez feita a escolha por trabalhar com outros grupos de leitores, tornou-se necessário encontrá-los. Dessa maneira, realizei uma breve pesquisa na internet sobre clubes de leitura. Nas buscas, a matéria "Clubes de leitura se espalham por SP", do *Estadão*, foi a primeira grande fonte de informações sobre como o fenômeno tem se desenvolvido na capital do estado de São Paulo, apresentando, inclusive, referências de onde encontrar esses grupos.

De acordo com a matéria, assinada por Edison Veiga, há dezenas de clubes de leitura espalhados pela cidade de São Paulo, sendo que alguns deles foram citados e indicados, com suas respectivas datas e horários de encontro e telefones para contato. Os clubes indicados foram: Clube da Leitura Biblioteca Mário de Andrade, Clube de Leitura da Casa das Rosas, Clube de Leitura Livraria Martins Fontes, Clube de Leitura Livraria da Vila, Grupo de Estudos da Casa Guilherme de Almeida, Clube da Leitura SESC Ipiranga, Clube da Leitura SESC Vila Mariana, Clube da Leitura SESC Carmo, Clube da Leitura SESC Belenzinho, Clube de Leitura Blooks Livraria, Clube de Leitura Tapera Taperá, Clube de Leitura Leia Mulheres.

Utilizando-me dessas informações, estabeleci contatos e, a partir deles, consegui os endereços de e-mail dos mediadores de alguns desses grupos.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Etnografia é o estudo das pessoas em locais ou "campo" que ocorrem naturalmente, através de métodos de coleta de dados que captam seus significados sociais e suas atividades comuns, envolvendo a participação direta do pesquisador no local, se não também nas atividades, para coletar dados de uma maneira sistemática (BREWER, 2000, p. 6).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Disponível em: https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/clubes-de-leitura/, acesso em maio de 2016.

## 3.3. Um passeio pela ficção científica: o Clube da Blooks

Um dos primeiros com os quais o contato eletrônico foi realizado, em 18 de janeiro de 2017, foi Kléber<sup>8</sup>, coordenador de divulgação e eventos de uma grande editora de São Paulo e um dos colaboradores da matéria de Edison Veiga.

Na ocasião, eu me apresentava e falava a respeito da intenção da pesquisa que, até aquele momento, ainda se baseava em um perfil específico de leitores (jovens) e um tipo também específico de literatura (*pop*, *best sellers*). Eu solicitava informações gerais sobre o funcionamento do clube de leitura que Kléber coordenava e perguntava sobre a possibilidade de existir um espaço de acolhimento para a minha proposta.

Prontamente Kléber retornou, demonstrando satisfação em conhecer o meu trabalho e informando sua participação em dois clubes de leitura. Na ocasião, atuava como mediador do Clube da Blooks, desenvolvido em parceria entre duas grandes editoras e em funcionamento na Blooks Livraria, com reuniões toda primeira segunda-feira do mês, e recém desvinculado do Clube da Vila, desenvolvido também em parceria entre editoras, em funcionamento na Livraria da Vila da rua Fradique Coutinho, com reuniões toda segunda segunda-feira do mês, sob nova mediação de Joyce. Ele pergunta sobre o meu interesse nos grupos, de qual gostaria de participar e quais seriam as atividades e etapas do projeto.

Retornei, então, o e-mail anexando uma apresentação formal da proposta de pesquisa (anexo A) e solicitando as seguintes informações sobre os grupos: sexo (majoritariamente), faixa etária dos participantes, gêneros literários favoritos do grupo, etc. Também comuniquei o interesse em acompanhar a reunião seguinte do grupo, além de conversar com ele, mediador, pessoalmente, se possível.

Kléber responde que, quanto ao sexo, o Clube da Blooks tinha um perfil misto, variando de encontro para encontro, com uma leve tendência para mais garotas do que garotos e, quanto à faixa etária, em geral, eram jovens entre 20 e 34 anos. Enfatiza que não havia sido realizado nenhum tipo de levantamento entre os participantes, mas que era possível inferir que todos gostavam de fantasia e ficção científica. Ele me convida para participar do encontro seguinte, informando data, horário e local, e se disponibilizando a chegar um pouco antes para

\_

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Todos os nomes dos mediadores e membros de cada um dos clubes de leitura integrantes dessa pesquisa foram modificados a fim de preservar suas identidades, conforme estabelecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e assegurado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e detalhado no TCLE, que consta nos anexos desta dissertação (anexo B).

que pudéssemos conversar, bem como também trocar ideias com alguns participantes que costumavam chegar mais cedo.

Na ocasião do encontro, infelizmente não foi possível encontrar o mediador antes da reunião, uma vez que ele não conseguiu chegar mais cedo, de maneira que acompanhei o encontro e apresentei-me brevemente aos participantes presentes, comunicando a intenção de trabalhar com eles. Posto que uma das características desse grupo era justamente a alta variabilidade de participantes por encontro, decidi formalizar a proposta por e-mail, a partir de uma lista com os endereços eletrônicos de todos aqueles que já haviam passado, em algum momento, pelo clube, existente desde junho de 2016.

A seguir, a descrição do e-mail enviado aos membros: "Prezadas e prezados integrantes e mediador do Clube de Leitura da Livraria Blooks, Me chamo Mara Santos, sou Psicóloga e mestranda do programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP, alguns já me conhecem, pois estive no último encontro do grupo, ocorrido no dia 06/02/17. Escrevo, pois estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a experiência estética literária em Clubes de Leitura. Teria muito interesse em trabalhar com vocês, portanto anexo a minha proposta de trabalho, onde detalho os objetivos da pesquisa, os benefícios aos participantes e o modo de funcionamento. Gostaria de pedir a gentileza que lessem e manifestassem o interesse ou não em participar. Peço a resposta de toda(o)s, mesmo aqueles que não estejam participando tão assiduamente no momento. Minha intenção seria iniciar o projeto já no próximo encontro, o que só será possível se toda(o)s a(o)s participantes presentes na ocasião manifestarem o interesse em participar respondendo a este e-mail. Peço desculpas de antemão por não ter a possibilidade de convidá-los pessoalmente, mas entendo que o tempo destinado ao encontro tem uma finalidade que deve ser respeitada, ademais, a melhor forma que encontrei de convidar diretamente a toda(o)s a(o)s envolvidos com o clube foi mesmo o correio eletrônico. Em caso de qualquer dúvida referente à proposta e à pesquisa, estou a inteira disposição! Me coloco a disposição também para aqueles que queiram marcar um encontro para um bate-papo!

Seguem meus contatos [...]"

Apenas três integrantes do grupo responderam a mensagem, dois ativos e uma pouco assídua. Mesmo assim, decidi iniciar a pesquisa, preparando-me para a primeira leitura que realizaria com eles: "O fim da eternidade", de Isaac Asimov e realizando, no encontro, nova abordagem e apresentação com os presentes, conforme acordo com o mediador, tendo em vista o caráter rotativo de participantes do grupo.

## 3.4. Fortalecendo o poder feminino: Leia Mulheres

A partir da matéria do *Estadão*, tomei conhecimento do projeto "Leia Mulheres", idealizado por Juliana Gomes em 2015, após a campanha lançada pela escritora britânica Joanna Walsh, conhecida pela *hashtag* "#readwomen2014", que denunciava a pouca visibilidade de escritoras no mercado editorial, ao mesmo tempo em que incentivava a leitura de obras de autoria feminina.

Junto com as amigas Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, Juliana decidiu transformar a campanha em uma iniciativa de leitura compartilhada de obras de autoria feminina, de clássicas a contemporâneas, em livrarias e espaços culturais.

De acordo com o site oficial do projeto<sup>9</sup>, o Leia Mulheres, embora faça parceria com editoras, livrarias e instituições, é inteiramente promovido e gerenciado por suas coordenadoras e todo e qualquer contato a respeito dele deve ser feito diretamente com elas ou com as mediadoras de cada clube.

Em julho de 2018, na ocasião do levantamento dos dados, o Leia Mulheres estava presente em 24 estados brasileiros e no Distrito Federal, ocorrendo, ao todo, em 96 cidades. O maior número de clubes ficava no estado de São Paulo, que contava com 23 clubes, sendo 1 na capital, 1 em Guarulhos, 3 no ABC Paulista e o restante em cidades do litoral e interior. Além disso, havia um clube em funcionamento na cidade do Porto, em Portugal. Entretanto, vale ressaltar, esses números sofrem frequentes modificações, pois trata-se de um projeto que não para de crescer.

No final do ano de 2016, ao navegar pelo site do projeto, descobri o único clube em funcionamento no ABC na época, na cidade de São Bernardo do Campo (hoje há mais dois: em Mauá e em Santo André), e escrevi para a mediadora, Cecília, em 19 de janeiro de 2017, a fim de apresentar a mim e a proposta, bem como coletar informações gerais sobre o grupo.

Cecília prontamente me respondeu, reiterando que a proposta do clube era fomentar a leitura de obras de autoria feminina, de diversos gêneros narrativos e de diferentes nacionalidades. Ela também menciona que o grupo é composto majoritariamente por adultos e encaminha uma lista com todas as obras que seriam lidas ao longo daquele ano (2017). Ela afirma que eu seria bem-vinda no encontro daquele mês, que ocorreria no dia 25 seguinte.

Participei, então, do encontro, apenas na qualidade de observadora, pois não houve tempo hábil para a leitura do livro daquele mês. Durante o encontro não cheguei a apresentar

.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> https://leiamulheres.com.br

a proposta de pesquisa, a qual foi encaminhada posteriormente por e-mail para a mediadora para que ela aprovasse antes da apresentação para o grupo. Neste segundo contato eletrônico, aproveitei também para marcar uma conversa com a mediadora, que se deu pouco antes do encontro do dia 15 de fevereiro de 2017.

Durante essa conversa, que teve um cunho mais informal e de aproximação entre mim e a mediadora, Cecília mostrou um livro que estava lendo e mencionou que participava de outro clube de leitura, esse havia sido idealizado por Sofia, sua colega de graduação, que havia dividido a responsabilidade de mediação com ela durante o primeiro ano do projeto Leia Mulheres em São Bernardo, o qual teve suas atividades iniciadas em fevereiro de 2016.

O grupo mediado por Sofia tinha um caráter muito parecido com o grupo que originou a ideia desta pesquisa: era uma reunião informal de amigos.

Fiquei imediatamente interessada em entrar em contato com este novo grupo, principalmente por ser fruto de uma demanda espontânea, diferente dos outros dois grupos.

Nessa data também, após o término da conversa sobre a leitura do mês, formalizei o convite ao grupo, sendo muito bem acolhida.

## 3.5. Encontros literários sem hora para acabar: Pasárgada

Na ocasião de uma das primeiras conversas com a mediadora do Leia Mulheres São Bernardo, ela empunhava a obra "Enclausurado", do autor britânico Ian McEwan e comentou comigo que esta se tratava de uma leitura que estava fazendo para um outro clube do qual fazia parte.

Cecília então explicou que tal clube havia sido idealizado por Sofia, sua colega de graduação, que dividia a mediação do Leia Mulheres com ela até o ano anterior.

Por intermédio de Cecília, conheci Sofia e avaliei com ela a possibilidade de também realizar a pesquisa com seu grupo. Sofia foi receptiva à ideia e fiquei satisfeita por achar interessante poder trabalhar com um grupo de formação espontânea, com uma dinâmica distinta.

Dessa maneira, fui informada sobre a leitura do mês, realizei-a e compareci ao encontro correspondente. Durante o encontro fiz o convite ao grupo e fui bem acolhida também por eles.

Os integrantes do Pasárgada também são jovens de ambos os sexos, interessados especialmente em literatura contemporânea, lendo mais livros conceituados do que *best sellers*, característica também muito marcante no Leia Mulheres.

## 3.6. O corpus da pesquisa e o uso da etnografia como ferramenta empírica

Assim, constituiu-se o *corpus* dessa pesquisa qualitativa sobre clubes de leitura. Na ocasião, os três grupos participantes contavam com integrantes de ambos os sexos, de diferentes formações acadêmicas e com idades entre 23 e 52 anos.

Todos os grupos operavam da seguinte maneira: uma obra literária era escolhida por votação ou indicação de um dos membros e lida por cada um deles, individualmente, ao longo de um mês. Após esse período, acontecia uma reunião presencial para que os integrantes pudessem compartilhar suas impressões a respeito da leitura, bem como suas experiências com o livro.

Como já ressaltei anteriormente, entendendo o sujeito de pesquisa como *participante* do processo de construção do conhecimento, as técnicas empregadas nesta pesquisa foram entrevistas abertas individuais com 2 a 3 integrantes de cada um dos grupos estudados, mediadores de outros clubes de leitura e/ou pessoas que tinham experiência e afinidade com a experiência de compartilhamento de leitura; além de seis sessões de observação participante, atividades iniciadas em fevereiro de 2017 e concluídas em dezembro do mesmo ano.

As entrevistas ocorreram em locais públicos e privados de acordo com a disponibilidade de cada participante, ao passo que os encontros eram promovidos sempre em locais públicos, nos quais cada grupo desenvolvia suas atividades. Os espaços eram livrarias, shoppings, centros culturais, cafés e restaurantes.

Sugeri aos participantes que fizessem o uso de um caderno de campo para registro das atividades e impressões pessoais ao longo de todo o processo de pesquisa, e fiz o mesmo. Após o encerramento de minha participação nos encontros de cada um dos grupos, realizei uma entrevista final, coletiva, com os participantes, a fim de coletar impressões sobre o processo de pesquisa.

Alguns dados das duas entrevistas, inicial (individual) e final (coletiva), bem como os registros nos cadernos individuais e demais materiais coletados em fontes virtuais, serão apresentados ao longo dessa dissertação.

Em síntese, a pesquisa foi, portanto, composta por duas etapas/técnicas:

- 1) Entrevistas: o formato foi de "relatos livres", com poucas interferências de minha parte;
- 2) Sessões de observação participante no contexto estudado.

A *observação participante*, a *etnografia* e o *trabalho de campo* são, muitas vezes, termos usados intercambiavelmente (DELAMONT, 2004, p. 218):

(...) eles podem todos significar despender longos períodos observando pessoas, além de conversar com elas sobre o que estão fazendo, pensando e dizendo, com o objetivo de ver como eles entendem seu mundo.

Em suma, a etnografia considera que, para compreender adequadamente uma situação, é necessário experimentá-la como membro da comunidade. Desta forma, participei dos grupos como membro, fazendo as leituras e contribuindo com os debates.

As observações de eventos importantes ocorridos no momento das reuniões e nas interações posteriores entre membros de cada grupo por meio de redes sociais foram registradas em meu caderno de campo. Esses registros, juntamente com as gravações de áudio dos encontros, as impressões coletadas nos cadernos de campo dos participantes e nas entrevistas, foram utilizados para determinar *unidades de análise (categorias)* relevantes para a investigação e compreensão dos fenômenos específicos ocorridos nestes grupos.

Após o término dos trabalhos de campo, os cadernos dos participantes foram transcritos na íntegra, bem como as entrevistas individuais. Quanto às gravações das reuniões, foram utilizadas como material complementar às anotações registradas em meu caderno de campo.

A partir da leitura cuidadosa dos registros de pesquisa, três categorias se destacaram: 1) questões do feminino: a predominância feminina nos clubes e no universo de leitores, o desejo de se ler mais obras de autoria feminina, a mulher como primeira mediadora de leitura e a pouca visibilidade da mulher no mercado editorial; 2) a leitura literária como forma de viver experiências diferentes da experiência cotidiana individual; 3) o compartilhamento como possibilidade de ampliação da experiência de leitura e a criação de novos espaços de pertencimento.

Essas unidades de análise ou categorias apareceram de forma mais ou menos explícita nos relatos e observações, mas, de qualquer maneira, sua formulação resultou de uma postura assertiva de minha parte, como pesquisadora (BRANCO, 2014).

As reflexões sobre as categorias destacadas serão apresentadas nos capítulos seguintes.

## 4. A relação da mulher com a leitura, mediação e produção literária

Me leia enquanto estou quente.

Lygia Fagundes Telles

Uma escritora é um país estrangeiro. Marguerite Duras

#### 4.1. Indicadores

As mulheres compõem o maior público nas áreas de humanidades nas universidades. As áreas gerais de formação nas quais as mulheres com 25 ou mais anos de idade estão em maior proporção são "Educação" (83%) e "Humanidades e Artes" (74,2%) (IBGE, 2016). Além disso, elas também são as mais interessadas em consumo cultural - são 54% de mulheres interessadas nas mais diversas atividades culturais contra 45% de homens interessados -, embora os homens tenham mais condições de acesso a esse tipo de atividade – são 38% dos homens que efetivamente consomem cultura contra 36% das mulheres (LEIVA, 2018).

Segundo resultados da pesquisa *Cultura nas capitais*, desenvolvida pela agência JLeiva e publicada no ano passado, tal disparidade parece estar relacionada ao papel social atribuído à mulher, ao preconceito e à desigualdade de gênero. A responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos pode resultar em menos tempo livre para participar da vida cultural da cidade, ademais, seus salários inferiores fazem com que elas tenham menos recursos para frequentar teatros, cinemas e shows (LEIVA, 2018).

As diferenças de acesso às atividades culturais entre homens e mulheres caem conforme aumenta a escolaridade, porém não desaparecem, o mesmo ocorre com a inserção no mercado de trabalho, a desigualdade é menor entre a população economicamente ativa (PEA) (LEIVA, 2018).

Das 12 categorias de atividades culturais indicadas no estudo<sup>10</sup>, apenas em três delas as mulheres figuram entre as maiores consumidoras, *feiras de artesanato*, *espetáculos de dança* e *leitura*.

No Brasil, 53% dos leitores são mulheres, de acordo com a última pesquisa desenvolvida pelo Instituto Pró-livro, *Retratos da leitura no Brasil*, a mais importante

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> As categorias são: Livros, cinema, shows de música, festas populares, feiras de artesanato, bibliotecas, dança, museus, teatro, circo, saraus, concertos.

pesquisa sobre indicadores de leitura no país, divulgada em 2016. Além disso, entre as mulheres, 59% são leitoras<sup>11</sup> e 41% não são, enquanto entre os homens 52% são leitores, contra 48% de não leitores.

Entretanto, essa tendência não é uma exclusividade brasileira, conforme aponta a pesquisa *Frequency of reading books*, desenvolvida pela agência Global GFK Survey em 2017 e realizada com amostras populacionais de 17 países dos 5 continentes, sendo considerada uma pesquisa de alcance global (GLOBAL GFK SURVEY, 2017).

Nossa pesquisa corrobora essa tendência, pois os três grupos parceiros são de maioria feminina, sendo o *Pasárgada* o mais equilibrado entre os gêneros, contando com 6 participantes mulheres e 5 homens, porém esse maior equilíbrio pode dever-se ao fato de que este é um grupo composto, em sua maioria, por casais, ou seja, podemos supor que um dos integrantes do par puxe o outro.

O *Leia Mulheres*, por outro lado, é um grupo exclusivamente feminino, embora em seu regimento não exista nenhum tópico que impeça a participação de homens, ao contrário, ele pretende ser um projeto democrático para fomentar a visibilidade feminina na literatura e no mercado editorial, de forma que todas as pessoas são muito bem vindas. Entretanto, tivemos a presença de homens apenas em uma minoria das reuniões, de forma que as integrantes fixas são mesmo todas mulheres. Outra estratégica que serve ao empoderamento feminino e que resvala no ponto que estou levantando aqui é que existe uma regra que impede a participação de homens na qualidade de mediadores, mas apenas isso.

O *Clube da Blooks* tem como característica marcante a rotatividade de participantes, o que impede a contagem exata dos membros para uma distinção entre os gêneros. Além disso, o tipo de literatura de preferência, a ficção científica, parece atrair de forma especial os rapazes. Ainda assim, podemos identificar uma forte participação feminina nos encontros.

Dessa forma, se pudermos generalizar os achados dessa pesquisa, é possível perceber que as mulheres não apenas leem mais como também participam mais de atividades de compartilhamento de experiências de leitura. Claro que esse segundo fator pode muito bem ser reflexo do primeiro.

Compreender fatos históricos pode favorecer as reflexões sobre a relação da mulher com a leitura.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> A pesquisa considerou "leitor(a)" aquele ou aquela que leu pelo menos um livro inteiro ou em partes (em papel, digitais ou eletrônicos e áudio livros, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais) nos 3 meses anteriores a sua realização. O público pesquisado são homens e mulheres brasileiros residentes no Brasil, a partir dos 5 anos de idade, alfabetizados ou não.

Em meados do século XIX, no Brasil, começam a surgir notícias, de forma ainda muito tímida e incipiente, que sugerem práticas de leitura envolvendo o público feminino, aparecem, inclusive, informações sobre conteúdos que deveriam ser consumidos por mulheres e outros que estariam "proibidos" para elas (JINZENJI, 2012).

Estes dados dão pistas acerca do contexto mais amplo dessas práticas, que devem ser concebidas em associação com as representações sobre a mulher na época.

Ademais, para compreender a relação das mulheres com as práticas de leitura e escrita no século XIX, é necessário considerar que elas se referem a apenas uma parcela da população, parcela essa de difícil caracterização, pois a leitura relaciona-se com a escolarização pública formal, mas não se reduz a ela. Formavam-se cidadãos aptos à leitura por meio de outros dispositivos como o ensino privado, a educação doméstica e até mesmo pelo autodidatismo.

Na ocasião, o acesso à escolarização ainda era incipiente para a população brasileira em geral, mas especialmente desfavorável para o público feminino, que teve seu acesso à escola pública concedido tardiamente e, uma vez oferecidas as vagas, o Estado discriminava o conteúdo escolar entre meninos e meninas e flexibilizava a obrigatoriedade de garotas frequentarem as escolas.

Além das dificuldades de caracterização do público inserido na cultura escrita oitocentista, já mencionadas anteriormente, há ainda mais uma. Como herança de períodos anteriores, o ensino da leitura antecedia o da escrita, ou seja, podemos deduzir que todos os que sabiam escrever, certamente sabiam ler, mas nem todos os que sabiam ler eram capazes de escrever. Assim, assinala Jinzenji (2012), até o século XIX, muitas leitoras jamais aprenderam a escrever ou assinar, uma vez que, nas sociedades antigas, a escrita para a mulher era considerada inútil ou perigosa (CHARTIER, 1990, p. 117).

Sabe-se que nos anos de 1800 a população leitora no Brasil era ínfima, embora isso não signifique que a parcela não leitora não tivesse meios de acesso aos conteúdos escritos, como vimos anteriormente no capítulo 1.

Não há uma resposta única e conclusiva para a pergunta "Por que as mulheres leem mais?" e qualquer resposta que se tende dar aqui seria certamente rasa, estereotipada ou parcial. Trata-se, pois, de uma questão complexa, mas vale destacar essa virada feminina com relação à leitura, uma vez que ela foi, por muito tempo, negada às mulheres.

## 4.2. A mulher como primeira mediadora de leitura

"Para se transmitir o amor pela leitura é necessário que se tenha experimentado esse amor", é o que declara Petit (2009) sobre o papel de uma figura mediadora na formação de leitores.

Nesse sentido, é muito comum que leitores relatem sua iniciação no universo da leitura a partir da influência de um mediador, seja ele pai, mãe, avós ou professores.

A pesquisa de Ramos (2012) revela que muitos jovens nunca descobriram o prazer de ler, ou por não haver suficiente incentivo por parte da família ou porque a leitura não encontrava espaço nas relações - tão caras a eles - com os amigos.

São os próprios jovens que nos alertam para estes aspectos, como podemos perceber no estudo de Torre (2012), que revela que 50% dos jovens participantes da pesquisa afirmam que talvez lessem mais se fossem mais encorajados pelos pais, enquanto os outros 50% da amostra acreditam que leriam mais se seus amigos também lessem.

A respeito do papel e da importância da mediação, a edição de 2016 da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* revelou que o hábito de leitura é uma construção que vem desde a infância e é bastante influenciada por terceiros, especialmente pelos responsáveis. Além disso, os leitores, por terem tido mais experiências de leitura mediadas por terceiros na infância, costumam também mediar leituras para as crianças com as quais têm contato em maior medida do que os não leitores.

A pesquisa aponta também que apenas um terço dos brasileiros sofreu influência de outra pessoa no desenvolvimento de seu gosto pela leitura. As influências mais citadas são a(o) professor(a) ou a mãe ou responsável do sexo feminino. Os resultados indicam que essa influência tem impacto na formação ou não do hábito de leitura, já que 83% dos não leitores afirmam não ter recebido nenhuma influência, contra 55% dos leitores que fazem a mesma afirmação.

De forma análoga, ao passo que 57% dos leitores relatam ter visto suas mães ou responsáveis do sexo feminino lendo sempre ou às vezes, 64% dos não leitores dizem nunca ter visto essas figuras referenciais fazendo uma leitura (embora com diferentes proporções, o mesmo se dá em relação à figura do pai ou responsável do sexo masculino) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016).

A influência da responsável do sexo feminino - ou de outras figuras femininas importantes - sobre a formação do gosto pela leitura é corroborada pelos depoimentos dos clubistas e parceiros de pesquisa, conforme trechos que se seguem:

Então os meus pais tem uma... apesar da formação simples, o meu pai ele tem ensino médio-técnico completo e minha mãe ela não terminou nem o fundamental, só que, apesar disso, eles tinham muitos livros é... livros referentes às questões bíblicas mesmo, né, escatologia, apologética, coisas que falam um pouco mais de interpretação bíblica e assuntos correlatos à postura, à ética cristã e tudo o mais. Então eu sempre tive esses livros em casa. [...] simbologia, parábolas e tudo o mais, então eu tive contato com esses temas, minha mãe me obrigava a ler passagens da... de êxodo, a parte das pragas eu sabia de cor porque eu precisava ler muitas vezes pra incorporar aquele texto, é diferente de você ler um texto por ler, eu precisava tirar a mensagem dele, minha mãe sabia disso e ela tinha isso como orientação pros filhos. Então eu tive esse contato com a bíblia muito forte desde pequena. [...] o que é marcante na questão da leitura pra mim, que eu consigo me lembrar da infância, assim, eu acho que tem uma... uma coisa forte de eu ter esses livros, por um lado, né, então tinha acesso, curiosidade, então foi crescendo a curiosidade pela leitura, pela letra. Tinha isso muito forte em mim desde muito pequena. Alice, 27 anos.

Há, portanto, no relato de Alice, dados importantes, o primeiro diz respeito ao fato de que ainda que seus pais não tivessem alto grau de escolarização e tampouco cultivassem a leitura literária como hábito, o contato com livros em casa e os estudos, incentivados pela mãe, de textos religiosos, parecem ter sido fatores decisivos para a sua iniciação como leitora, mesmo que, na infância, seus pais não tenham praticado a leitura de livros de histórias para ela.

Além disso, verifica-se em seu relato uma tendência já apontada pelos *Retratos da leitura no Brasil*, o fato de que em nosso país há um grande predomínio de leituras religiosas, independente de se estar ou não estudando ou ter alto grau de escolaridade ou não. O que difere nesses dois últimos casos é que os estudantes e as pessoas mais escolarizadas consomem conteúdos mais variados do que os não estudantes e os menos escolarizados (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016).

Os dois próximos relatos nos revelam que a responsável do sexo feminino influencia a criação do hábito leitor ainda que não pelo exemplo ou pelo incentivo à leitura propriamente dita, mas também pela importância dada à educação:

Eu cresci com a minha mãe e com a minha avó, elas não leem. A minha mãe, ela... ela acha ter algum problema acho que cognitivo que fala, não sei... porque ela tem muita dificuldade em apreender, apreender mesmo o que ela tá lendo, então ela nunca foi muito de ler e eu sempre tentei fazê-la ler um livro ou outro e tal e ela nunca conseguiu mesmo absorver. O único livro que ela tava conseguindo acompanhar foi o "Capitães da areia", mas ela perdeu o livro, então ela não continuou a ler... então com a minha mãe eu não tive muita influência quanto à literatura, apesar de que ela sempre... ela sempre me influenciou muito a estudar, assim, ela estudava muito, de querer aprender coisas e tal, então ela sempre me influenciou muito quanto a estudar também, mas nunca foi de ler literatura e nem nada além disso. A minha avó, ela sabe ler e escrever, ela tem 88 anos e ela gosta muito de ler assim, mas ela lê qualquer coisa, não livro porque eu já dei livro e ela fica com preguiça de continuar a ler e tal, mas ela gosta de ler qualquer coisa...

anedotinha do jornal, revistinha... então ela, ela tem mais... ah, talvez ela tenha mais, mais, mais... sei lá, mais relação com a leitura do que a minha mãe. Soraya, 23 anos, Blooks.

Desde que eu me lembro, eu sempre gostei de ler. Eu aprendi a escrever... não fui precoce, aprendi na primeira série, como a maioria das criancas, não teve nada demais... é... meus pais não tinham o costume de ler em casa, eu tinha pouquíssimos livros em casa... a minha mãe tinha uma preocupação que eu fosse bem na escola, então, eu fazia lição – desde a primeira série –, eu fazia lição, se não tava bem feita, ela arrancava a página e mandava eu fazer de novo. Então eu virei uma criança CDF, além de eu ter facilidade, eu virei uma criança CDF [...] porque também minha mãe cobrava muito, porque ela tinha tido muita dificuldade quando ela era criança, ela teve muita dificuldade na escola e aí ela sempre quis ter uma filha inteligente. Eu não sei se você conhece, mas na época em que eu nasci tinha uma superstição que a mãe guardava o cordão umbilical da criança em alguma coisa que ela queria que fosse a profissão da criança no futuro [...] minha mãe colocou o meu cordão umbilical num livro... não que ela queria que eu gostasse de ler, ela tinha medo de não ter uma criança inteligente, ela queria uma criança que tivesse facilidade nos estudos para não ter os problemas que ela teve. Foi um pouquinho a mais do que ela queria, em termos de gostar de leitura e tudo mais. Sofia, 35 anos, Pasárgada e Leia Mulheres.

Esses excertos vão ao encontro da assertiva de que boa parte dos leitores brasileiros (19%) enxerga a leitura como um meio de atualização cultural ou conhecimento geral (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016).

Os relatos de Alice, Soraya e Sofia demonstram, em consonância com os achados dos *Retratos*, que no Brasil persiste uma noção utilitarista da leitura, ou seja, muitos leitores brasileiros têm como principal motivação para a leitura não o prazer ou o entretenimento, mas a satisfação de alguma necessidade, seja ela espiritual/religiosa (11%), profissional (7%), acadêmica (7%) ou intelectual (19%).

Este tipo de relação com a prática da leitura, longe de ser um problema em si mesmo<sup>12</sup>, pode denotar a perpetuação de uma cultura positivista na qual a eficiência é valorizada em detrimento da construção de um conhecimento sensível, que parta da experiência singular, imersiva e corporal de cada sujeito com a leitura, na vivência de uma *verdadeira experiência estética* (BERLEANT, 2013).

-

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> A invenção da escrita, como mostra Manguel (1997), foi uma forma que o homem encontrou de registrar informações e perenizar a comunicação, ela mudou os rumos da história e evolução humanas nas sociedades em que foi incorporada. Nessa medida, a leitura sempre foi um instrumento privilegiado de acesso ao saber, de construção do conhecimento, além de apropriação da língua (Petit, 2009), por isso mesmo, o domínio da cultura escrita constitui-se como um *instrumento de poder* e, portanto, pode configurar-se em instrumento de dominação, mas também de libertação (GNERRE, 1985; FREIRE, 1985, 1991, 2001).

Pode-se afirmar que a experiência estética, no campo das artes<sup>13</sup>, é um fenômeno que ocorre num espaço "entre" o espectador e a obra, tal como assinala Lima (1979, p. 19):

A experiência estética [...] consiste no prazer originado da oscilação entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente do objeto, aproximando-se de si. Distancia-se de si, de sua cotidianidade, para estar no outro, mas não *habita* (grifo do autor) o outro, como na experiência mística, pois o vê a partir de si.

Este jogo de aproximação e distanciamento caracteriza a experiência estética em termos da fronteira que articula mundo interno e mundo externo.

Para Merleau-Ponty "a ação do escritor é transmitida pelo ritmo tateante de um pensamento que vai se desenvolvendo à medida que se vai escrevendo, ou como diz Antonio Machado, poeta espanhol, 'o caminho se faz ao caminhar" (CARMO, 2011, p. 99). A atividade literária é, portanto, um jogo no qual não há "caminhos pré-fabricados" e a aventura do escritor leva ao desconhecido:

A necessidade de expressar vai desenvolvendo-se no movimento da escrita ou da fala, na escolha das palavras. Por esta via a comunicação vai constituindo-se, pois a descoberta das ideias é simultânea à formulação da questão.

De acordo com Merleau-Ponty, a linguagem é uma modalidade do corpo e, portanto, faz parte do mundo da experiência e do comportamento. A ação das palavras quando se dirigem aos objetos é análoga à ação de uma *intencionalidade corpórea*, como, por exemplo, o olhar e o tocar. É, por este motivo, da ordem do pré-reflexivo. Explico: a linguagem não é a tradução de um pensamento, pois possui um funcionamento independente, na medida em que é *uma realização*. A linguagem é "algo como um Ser" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 43).

Um texto é constituído não apenas por signos, mas também por lacunas e silêncios, muito embora Merleau-Ponty (1991, p. 44-45) observe que:

A ausência de signo pode ser um signo e a expressão não é o ajustamento de um elemento do discurso a cada elemento do sentido, mas sim uma operação da linguagem sobre a linguagem que instantaneamente se descentraliza para seu sentido. Dizer não é colocar uma palavra sob cada pensamento: se o fizéssemos, nunca nada seria dito, não teríamos a impressão de viver na linguagem e ficaríamos no silêncio, porque o signo se apagaria logo diante de um sentido que seria o seu, e o pensamento nunca encontraria senão pensamentos [...] A linguagem diz peremptoriamente quando renuncia a dizer a própria coisa [...] significa quando, em vez de copiar o pensamento, deixa-se desfazer e refazer por ele.

-

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Berleant (1992) amplia a noção de "experiência estética" ao propor que, apesar das artes constituírem um campo privilegiado para o despertar dela, esta, enquanto vivência propriamente sensória, não é uma exclusividade do domínio artístico, mas pode ocorrer nos mais variados contextos.

Assim sendo, "temos de considerar a palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ela nada diria, ou ainda, por a nu os fios de silêncio que nela se entremeiam" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 47), pois a linguagem é uma estrutura e, enquanto tal, só pode ser compreendida em função do conjunto, pois cada signo, isoladamente, nada significa.

Desta maneira, o filósofo nos chama a atenção para o fato de que o escritor, mesmo tendo o domínio da técnica, pode julgar ter encontrado a palavra adequada àquilo que deseja expressar e, no entanto, o sentido da frase pode sofrer uma significativa torção e a "aparente clareza trará consigo lacunas e silêncios (CARMO, 2011, p. 96)". Diz Merleau-Ponty (*apud* CARMO, 2011, p. 97):

A linguagem exprime tanto pelo que está entre as palavras quanto pelas próprias palavras, e tanto pelo que não diz como pelo que diz, da mesma forma que o pintor pinta tanto pelo que ele traça, pelos traços brancos que coloca, ou pelos traços de pincel que não realiza.

Esses silêncios e lacunas permitem a participação do leitor que, com seus recursos simbólicos, irá tentar preenchê-las. Por isso a atividade de leitura não é passiva, mas uma atividade criativa.

A prática da leitura, quando reduzida exclusivamente ao seu viés utilitário, o livro – ou a linguagem – como mero instrumento, pode criar uma experiência que esvazia o próprio sentido não apenas de *ler*, mas de *ser* leitor e de conexão consigo mesmo e com o mundo, de forma plena. Primeiro porque, como postula Petit (2009, p. 71-72), o contato com a alteridade e a capacidade de simbolização são fatores constitutivos para o ser humano, de forma que, por meio da leitura, podemos construir e ressignificar aspectos da nossa própria identidade:

Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro, a passagem para o ato. [...] Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.

E segundo porque, a experiência é um modo primário do *ser humano*, ou se seja, não existe ser fora da experiência.

A presença humana *cria* o mundo, pois na sua ausência o que temos não é uma paisagem, mas um espaço geográfico (BERLEANT, 2013). Criando o mundo, o corpo cria a si mesmo, pois, como revelou Merleau-Ponty (1984, p. 89):

Meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado no tecido do mundo e sua coesão é a de uma coisa. Mas já que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo em volta de si, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofo do corpo.

Entre o corpo e as coisas do mundo existe uma comunicação que é direta e natural: "Eu não vejo segundo o seu invólucro exterior, vivo-o por dentro, estou englobado nele. Afinal de contas, o mundo está em torno de mim e não adiante de mim (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 100)".

Dessa forma, não é possível tomar a leitura como prática separada do corpo, uma vez que não é possível conceber o corpo sem sua intrínseca relação sensível com o mundo.

Parece-me que é isso que a leitura utilitarista tenta fazer, toma o livro como mero objeto, separado e estranho a nós, capaz de nos trazer um conhecimento muito novo, mas que não promove nenhum apelo ao corpo.

Desse modo, é possível concluir, a partir dos pressupostos desses teóricos, que a leitura, em especial a leitura literária, é, por constituição, uma atividade criativa. Enquanto lemos, criamos a história, criamos mundos e construímos a nós mesmos.

Leonardo, de 35 anos, considera que a leitura torna as pessoas melhores e relata que sua mãe desenvolveu o hábito de ler depois que ele se tornou leitor, aos 18 anos.

Meus pais são professores universitários, os dois. Minha mãe sempre falou muito de leitura, mas nunca leu muito. Nunca tinha lido muito. Talvez na infância, na juventude... e depois quando a gente era mais novo ela nunca tinha tempo sei lá, tinha a faculdade, fazia as coisas dela, era professora. [...] Então é isso, sempre se falou muito, todo mundo, mas nunca a gente teve incentivo direto de ler. [...] Hoje ela [sua mãe] lê tanto quanto eu, porque ela não trabalha, só cuida dos meus sobrinhos de vez em quando, mas lê, lê, todo dia e toda hora. E todas as vezes que encontro com ela, que mora lá em Mossoró, se ela vier aqui, volta com 10 ou 15 livros. É assim. E hoje ela lê tudo e acho que ela também se acha uma pessoa melhor por isso. [Você a influenciou?] É, mas a ideia inicial quem plantou foi ela. Eu não ia tirar da cabeça que ler ia me mudar, ia mudar a minha cabeça. [Foi ela quem disse isso?] Foi ela quem disse isso. Ela plantou a sementinha e ela mesma colheu o fruto, né? Leonardo, 35 anos, Pasárgada.

Duas asserções poderemos fazer a partir do relato de Leonardo. A primeira é que os próprios leitores – e até mesmo os não leitores - são capazes de inferir o papel da leitura, em especial da leitura literária - visto que ela é mais capaz de gerar uma experiência estética, pois tem mais apelo ao sensível, na construção de nossas subjetividades.

A segunda diz mais propriamente respeito ao assunto do capítulo, a influência da responsável feminina é mais uma vez ressaltada, mas há, aqui, um fato novo. A mãe de

Leonardo descobriu-se leitora tardiamente, apenas depois que seu filho tornou-se um e ele, por sua vez, reconhece que deve muito sua formação como leitor ao fato de ter sempre escutado dela o quanto ler poderia fazer dele uma pessoa melhor.

O depoimento de Leonardo corrobora a ideia de que iniciação de um leitor na prática da leitura se daria pela sensação de que na literatura há uma "arte mágica" que lhe desvendará segredos ocultos e lhe oferecerá um poder misterioso. Ou seja, o leitor, ainda criança, precisa ser convencido de que "a leitura lhe abrirá todo um mundo de experiências maravilhosas, dissipará sua ignorância e o ajudará a compreender o mundo e a dominar seu destino" (BETTELHEIM, 1993, p. 50 *apud* PETIT, 2009, p. 155).

#### 4.3. A escritora

Se, por um lado, as mulheres leem mais, como vimos anteriormente, por outro, obras de autoria feminina são menos publicadas e menos lidas.

Na obra *Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (século XVI a século XVIII)*, Anastácio (2013) denuncia a falta de registros históricos sobre a relação das mulheres com a cultura escrita no período em Portugal, também no que diz respeito às práticas de leitura, mas, em especial, à produção escrita. Ela indica, portanto, um silenciamento da historiografia no que concerne à relação das mulheres com a literatura até o século XIX.

Isso posto, a obra vai procurar mitigar esse desvio, apontando aspectos importantes sobre o tema.

No século XVI, ainda que algumas mulheres fossem escolarizadas - inclusive nos conventos -, apenas rainhas, princesas e senhoras das camadas mais elevadas da sociedade tinham acesso privilegiado ao desenvolvimento da leitura e da escrita, que eram consideradas "ocupações moralmente intocáveis" (ANASTÁCIO, 2013, p. 30). Apesar disso, boa parte das escritoras portuguesas do período eram mulheres religiosas que ganharam algum destaque em vida ou póstumo.

Entretanto, a imagem da mulher era frequentemente depreciada em textos misóginos, publicados por homens em folhetos de cordel e rebatidos, em outras publicações, por mulheres e autores anônimos que visavam recuperar e favorecer a imagem feminina.

Houve ocasiões em que uma produção literária feminina era considerada não fruto de sua aptidão, mas inspiração divina. A falta de credibilidade do gênio feminino para produzir obras significativas evidencia uma concepção misógina que tem sempre como meta a comparação com o masculino ou a inferência de uma intervenção mística.

As próprias escritoras se viam obrigadas a assumir esse estereótipo de inferioridade caso quisessem que seus textos fossem admitidos – inclusive pelos inquisidores (ANASTÁCIO, 2013).

Segundo Jinzenji (2012), no contexto europeu, durante a passagem do século XVIII para o século XIX, as obras de autoria feminina quando não eram depreciadas, se concentravam em gêneros específicos, sendo que, na ficção eram, em sua maioria, romances e na não ficção, obras sobre educação ou livros voltados para o público infantil.

Esses pequenos apontamentos históricos certamente abrem o caminho para uma discussão bastante importante na atualidade, o emprego do termo "literatura feminina", conforme será abordado no final deste tópico.

A autora aponta que, no Brasil, a exemplo de Portugal, não há muitos registros sobre a relação da mulher com a cultura escrita até o século XIX, uma vez que a historiografia brasileira se concentra numa abordagem da mulher enquanto indivíduo reservado ao espaço doméstico e às atividades a ele pertinentes.

Dessa maneira, a escrita privada – a saber, as correspondências familiares – era apontada como a única forma de participação das brasileiras no universo da escrita até então (JINZENJI, 2012).

A partir de 1850, as mulheres passam a figurar entre diretores e redatores de jornais, inaugurando periódicos de interesse feminino como o pioneiro "Jornal das Senhoras", de 1852. Apesar de jornais voltados para o público feminino circularem desde as primeiras décadas do *oitocentos*, em geral, seus conteúdos não eram escritos por mulheres.

Na década de 1870, um grande volume de jornais e revistas com vieses feministas revelam o caráter da imprensa como meio de expressão e/ou reivindicação de direitos sociais e políticos.

Nos prospectos desses periódicos destinados ao público feminino, os redatores faziam solicitações para que autoras enviassem seus escritos, prometendo discrição quanto às suas identidades, caso assim o desejassem, esse fato indica uma tendência das escritoras brasileiras da época, a de se manterem no anonimato.

Ainda assim, assinala Jinzenji (2012), apenas 5,4% do conteúdo d' *O mentor das brasileiras*, um importante periódico voltado ao público feminino da época, era de fato produzido por mulheres. Além disso, desconfia-se que parte dos textos cuja autoria era atribuída a mulheres era, na verdade, forjada por homens.

Como vimos, historicamente as mulheres foram, durante muito tempo, privadas do pleno domínio da cultura escrita e da participação na vida pública, o que se reflete até hoje na pouca visibilidade da mulher no mercado editorial no Brasil e no mundo.

É essa desigualdade que a campanha #readwomen, que deu origem ao projeto "Leia Mulheres", veio denunciar.

Cecília, mediadora do Clube Leia Mulheres em São Bernardo do Campo conta como conheceu o projeto e o motivo pelo qual ele a cativou:

Eu conheci [o Leia Mulheres] pelas redes sociais, num post uma vez no Facebook de alguém que compartilhou e aí eu descobri que tinha um site, vi a programação, achei super legal e vi que aconteciam encontros em vários lugares, só que até então eu achava que elas iam, que era um grupo itinerante, porque as datas não coincidiam, né, e aí eu comentei, falei 'poxa, seria legal se vocês viessem um dia aqui pro ABC', aí uma das idealizadoras que é a Juliana Gomes, ela me respondeu, pelo perfil lá do Leia Mulheres, ela respondeu: 'me mande um e-mail', aí eu mandei, 'você pediu pra eu mandar um e-mail, existe a possibilidade de vocês virem pra cá?' Aí ela apresentou o projeto, que elas já tinham criado, já tava há um ano acontecendo em São Paulo, e elas fizeram com a... uma campanha que uma autora fez por sofrer desigualdade de gênero, tentar publicar um livro e não conseguir publicar e aí de repente usar um pseudônimo masculino e receber ofertas de editoras, então ela levantou esse questionamento da diferença de gênero na literatura, como em outros seguimentos diversos da sociedade a gente percebe isso, a literatura também tem, seja do ponto de vista dos personagens que a gente vê ali a representatividade na ficção, mas o escritor enquanto profissão, né, tem uma pessoa que vive disso, que trabalha, que constrói, e que não tem tanta visibilidade... então eu achei maravilhosa a ideia, abracei na hora e aí que elas explicaram que conforme as pessoas manifestam o interesse de participar do projeto, essas pessoas são convidadas a mediarem um grupo na sua cidade, e aí elas me deram todo o suporte, elas apresentaram o projeto, elas deram dicas de como conseguir algum lugar, me orientaram a como procurar um espaço pra fazer os encontros, a proposta de trabalhar autoras contemporâneas ou não, mas que fossem de nacionalidades diferentes pra gente ter essa experiência mais ampla, sair daquele eixo Brasil – Europa ou América do Norte, Estados Unidos... é sempre assim, né, Brasil, Estados Unidos, França, alguma coisa nesse sentido... Portugal, e gêneros literários também, então vamos ler romance, vamos ler conto, crônica, HO, enfim, então elas foram dando todo esse suporte, a arte - que elas fazem até hoje - pra divulgação do evento, e elas tem um projeto hoje gigantesco, praticamente no Brasil inteiro, são várias cidades nas quais o projeto funciona, então elas tem parceria com editoras, às vezes as editoras mandam brindes pra gente sortear pras pessoas, elas tem um site que divulga resenhas, então a gente pode escrever, é mais uma forma de incentivar e ter um diálogo, então, comecei a escrever algumas resenhas pro site pra colaborar, né, com o projeto, e foi aí que tudo começou. Foi no final do ano retrasado que surgiu esse contato com elas e eu queria porque o ABC é pobre nesse sentido de programação cultural, ainda mais voltada pra literatura. [...] E aí eu resolvi fazer, com medo de não vir ninguém, até hoje vem poucas pessoas, né, mas assim, eu acho que é uma troca muito grande, independente da quantidade, a qualidade das discussões, do contato, né, com as meninas, eu acho bem legal, não tenho vontade de desistir não. Cecília, 30 anos, Leia Mulheres.

Lia, também integrante do grupo, começou a refletir sobre a discriminação de gênero na literatura antes mesmo de conhecer o projeto, como relata no trecho a seguir:

Quando a faculdade acabou e aí eu tive mais tempo ainda para ler, eu fiquei simplesmente órfã, eu sentia uma falta enorme de falar sobre o que eu lia, e aí que eu amolei mesmo as pessoas, sabe assim? Era alguém encostar do meu lado e falar: 'tá quente, né?' Era eu falar assim: 'Então, no livro que eu tô lendo, menina, é inverno o tempo inteiro'... É lógico que eu sei que as pessoas se incomodam com isso, mas era irresistível de falar. E foi aí que eu comecei a ter contato com a informação de que existem clubes de leitura, mas não tinha nenhum perto da minha casa. E aí, enfim, eu comecei a pesquisar na internet como isso funciona, foi aí que eu comecei a entrar em grupos de podcasts pra ouvir um pouco sobre literatura, é novamente aquele movimento, por mais que eu não estivesse falando, eu estava ouvindo, né, aí em alguns grupos do facebook, eu ia lá e escrevia um pouquinho, né, e num desses podcasts eu ouvi falar do Leia Mulheres, mas nem eram as meninas daqui que estavam falando [referindo-se às idealizadoras], era uma moça do Rio de Janeiro, uma moça de São Paulo e uma terceira moça que eu não sei nem de onde era e elas estavam falando sobre o Leia Mulheres, e eu já tinha começado, por conta do movimento feminista e tal, eu já tinha começado a problematizar essa coisa de 'por que nós não lemos mulheres tanto quanto nós lemos homens?' Eu já tinha parado um pouco pra fazer essa conta na minha cabeça. 'Nesse último mês, quantas mulheres eu li? Nenhuma'. E quando eu soube que o grupo existia, a primeira coisa que eu fiz foi ir pra internet pesquisar. Procurei e tal e descobri que tinha em São Bernardo. [...] Me abriu pra uma coisa que eu tava muito interessada em fazer que era poder contribuir é... fazer a minha parte lendo mais mulheres. Lia, 36 anos, Leia Mulheres.

Outra reflexão que se impõe quando falamos sobre a literatura produzida por mulheres é o uso do termo "literatura feminina".

Tendo em vista que no século XIX, como revela Jinzenji (2012), havia obras indicadas para mulheres e outras proibidas, assim como assuntos e gêneros narrativos que eram associadas às mulheres, como poesia e romances românticos, por exemplo, era esperado das escritoras que seguissem esses preceitos. Ou seja, propagava-se a ideia de que às mulheres cabia tanto ler quanto escrever apenas sobre certas temáticas e a partir de certos gêneros que, inclusive, eram frequentemente considerados de menor valor.

Na contemporaneidade existe uma discussão muito importante em torno dessas ideias, afinal de contas as mulheres podem e devem ler conteúdos variados, nos mais distintos gêneros narrativos, tanto quanto podem escrever sobre qualquer assunto em qualquer gênero.

Não só podem, como escrevem.

#### 5. Habitar outros lugares, viver outras vidas.

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.

Clarice Lispector

A oportunidade de "viver outras vidas" - muitas vezes bastante diferentes das suas - é apontada pelas leitoras e pelos leitores como a principal motivação para a leitura literária, conforme poderemos averiguar no depoimento que se segue:

Eu posso vivenciar muita coisa hoje, por exemplo, eu posso sair aqui e arrumar mulher e usar droga e beber e fazer o que eu quiser, eu vou ter uma experiência de vida, correndo o risco todo que tem isso, mas também eu posso ler e ter a experiência que outra pessoa teve sem eu precisar correr o mesmo risco. Foi mais ou menos assim que eu imaginei. Eu achei que eu conseguiria entender muito mais pontos de vista também. [...] Eu li um livro que é 'O poderoso chefão', e aí eu disse 'o que foi isso aqui? É isso que eu quero para a minha vida'. Não sei se foi... foi o livro, talvez, que fez a mudança de tudo, foi quando eu consegui entrar no livro e viver realmente aquilo ali, passar pra dentro do livro e aí eu fiquei impressionado. Era bem aquilo que eu queria, era aquilo que eu queria, ter aquela vivência sem eu precisar participar... sem precisar sofrer na pele, né. E assim que eu achei que uma pessoa ia crescer como pessoa. Crescer... eu acho que você só cresce se você se colocar no lugar do outro. É pra isso que eu acho que serve a literatura, só pra isso, mais pra nada, só pra você se colocar no lugar do outro. Leonardo, 35 anos, Pasárgada.

#### E viver outras vidas também implica pertencer a outros lugares:

Quando as pessoas me perguntam porque eu gosto de ler, eu falo sempre que quem lê mil livros vive mil vidas eu acho que eu queria ver outras coisas além do meu cotidiano que, sei lá, não me bastava. [...] eu quero visitar mundos múltiplos, é isso. Ícaro, 31 anos, Blooks.

Sabe aquela história que todo mundo fala que quando a gente lê a gente viaja? Então, eu acho que acontece de verdade, a gente sai. Eu, pelo menos, consigo, eu não sei mais o que está acontecendo ali, nem ali, nem atrás de mim e nem na minha frente, eu tô em outro lugar, de verdade. Eu não consigo ter essa experiência com a TV, com filme, com a música, com teatro, é... eu não sou muito de ópera, enfim, nem nas pouquíssimas experiências que eu tive com a ópera... com nenhuma outra arte eu consegui ter essa experiência. Lia, 36 anos, Leia Mulheres.

Poderemos desenvolver, aqui, duas reflexões distintas, mas que tem conteúdos complementares. Enquanto Ícaro considera que através da leitura pode conhecer outros mundos a partir da sua imaginação, Lia avalia que o próprio ato de ler e a concentração que

ele exige fazem com que o leitor se desconecte do aqui e agora para mergulhar no universo do livro.

Dessa forma, no segundo fragmento discursivo, a noção de *habitar outro lugar* é transcendida em seu sentido estrito de *resultado dos processos intelectuais da imaginação*, rumo a uma experiência corporal transcendental, na qual os sentidos se desvinculam da realidade concreta para imergir na fantasia. Mas, como eu disse, as duas experiências são complementares, na medida em que o primeiro processo não seria possível sem o segundo e vice-versa.

Habitar outros lugares "é uma promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo" (PETIT, 2009, p. 96), tanto na realidade psíquica, quanto na realidade concreta:

A leitura, tal como é praticada atualmente, convida a outras formas de vínculo social, a outras formas de compartilhamento, de socializar, diferentes daquelas em que todos se unem, como se fossem um só homem, ao redor de um chefe ou de uma bandeira. Ler, como vimos, é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada (PETIT, 2009, p. 94).

Ao permitir o acesso a lugares mais amplos, a leitura rompe a barreira do isolamento.

A cada leitura, pelo menos é um exercício que eu tento fazer, me colocar no lugar do outro, é isso que a gente faz quando a gente lê, o tempo todo, a gente para um pouco de ser a gente e vai se colocando no lugar de outra pessoa. [...] São um monte de experiências que eu não vou passar, que muitas vezes eu não quero mesmo passar, mas ler me faz ter contato com algumas outras coisas que eu não teria na minha vida inteira. Chegou a um ponto em que eu precisei dividir isso com mais gente. Chegou uma hora que eu falei, "gente, alguém vai ter que falar comigo". Lia, 36 anos, Leia Mulheres.

Assim, as experiências dessas leitoras e leitores que, junto comigo, construíram essa pesquisa, convergem em um aspecto: a leitura apresenta-se como uma via privilegiada de abertura à alteridade. Tanto porque ela nos permite viver outras vidas, passear por outros tempos e visitar outros mundos, quanto porque a partir dessa ampliação de experiência de vida, surge a necessidade de encontrar pessoas para compartilhá-las, pois ficamos repletos e precisamos transbordar, como veremos mais adiante.

Apesar de seguirem caminhos distintos, teóricos, tanto da filosofia quanto da psicanálise, propõem que o outro institui o sujeito, afirmando sua existência simbólica. Ou seja, num jogo de espelhos e identificações com o outro, nasce aquilo que chamamos de "eu".

Contudo, para a fenomenologia merleau-pontyana, a questão da alteridade é ultrapassada, quando ele engendra o conceito de "carne", propondo que o "eu" e o mundo constituem-se como elementos ontologicamente intricados, isto é, eu e outro não são entidades separadas, de forma que o outro não precede o eu nem o oposto, o ser-si e ou ser-outro são meros "fragmentos de um único ser" (Merleau-Ponty, 1971, p. 69). "O mundo é presente à minha carne através da sua carne", "eu formo parte dele, mas não sou ele" (Merleau-Ponty, 1971, p. 143-144).

Seja qual for o pressuposto teórico do qual se parta, subjetividade-objetividade, identidade-alteridade, eu-outro são pares de entidades interdependentes que, na experiência de leitura, manifestam-se e interagem de forma muito particular.

Desse modo, quanto mais experiências com a alteridade representada *no* e *pelo* livro o sujeito adquire, mais ele incrementa seu repertório simbólico, alargando sua subjetividade e fortalecendo a sua identidade. Por outro lado, quanto mais leitores tiverem acesso a uma obra, mais seu universo se ampliará e mais rica ela se tornará.

De tanto viver e habitar, viver e habitar, Lia transbordou-se rumo a outros encontros e outros espaços, agora concretos.

Eu busquei um grupo de leitura mesmo, eu acho que, por uma carência, sabe? É a minha carência, porque eu tinha carência de conversar com as pessoas sobre o que eu lia. [...] Muito tempo eu senti que ler era um ato individual e solitário, por muito tempo eu pensei que é uma experiência única, só eu posso fazer por mim e só eu posso viver aquilo, mas chegou uma hora que eu falei não dá, não pode ser individual, alguém tem que estar sentindo isso que eu tô sentindo pra eu levar isso e dividir um pouco e derramar um pouco e receber um pouco e hoje eu não penso mais que ler... e acho que é por isso que existem hoje tantos grupos de leitura que é algo que eu não ouvia falar antes [...] e pra mim é essencial porque chega uma hora que você não aguenta ficar com tudo aquilo sozinha, você precisa buscar alguém pra falar sobre a mesma coisa que você tá vivendo ali, o mesmo sentimento, nem que seja pra meter o pau no livro. Lia, 36 anos, Leia Mulheres.

O depoimento de Lia indica que a própria abertura para a alteridade, que é promovida pela prática da leitura, engendra uma necessidade de estar com o outro na realidade concreta e de modo específico. Pelo menos é isso que parece ter ocorrido com ela e com outras leitoras e leitores, como veremos a seguir

Muitos clubistas que participaram da pesquisa expressam a insuficiência da experiência da leitura solitária em suas trajetórias como leitores e leitoras. Cada um deles, a seu momento, passou a sentir um desejo e até mesmo uma necessidade de compartilhar com terceiros suas impressões com relação às leituras. Tal necessidade fez com que eles buscassem pessoas e espaços nos quais pudessem viver a experiência de conversar sobre as histórias lidas.

Alguns chegaram a fazer da leitura e da literatura uma escolha profissional, encontrando no curso de letras esse espaço de compartilhamento que sempre buscaram.

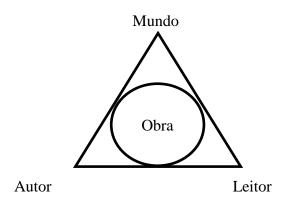
Este foi o caso da clubista Sofia, de 36 anos. Ela conta que durante a faculdade de letras se instrumentalizou para conseguir descrever o que sentia quando lia um livro. Assim, se antes traduzia sua impressão de uma determinada obra como "legal", passou a ter recursos para explicar o que tal obra havia sido capaz de suscitar nela.

A partir de então, passou a ler mais sobre crítica literária e a se interessar por saber o que as pessoas falavam sobre determinado livro para, então, poder ampliar a experiência do livro. Um livro que a princípio não apreciava ganhava novos significados após conhecer as impressões de outras pessoas.

A leitura de conteúdos técnicos sobre literatura e o debate desses conteúdos e das próprias narrativas com os colegas de curso se constituíam, então, em experiências de intercâmbio de ideias e informações.

A transmissão de conhecimentos do autor para o leitor dos livros técnicos que Sofia lia durante a graduação, a fim de compreender melhor sua própria experiência com a leitura, era intermediado pelo livro didático. Eis aí o primeiro nível do processo social caracterizado pela leitura, que, aliás, também está presente na leitura literária, ou seja: a interação entre o autor e o leitor, mediada pelo texto.

Abrams (*apud* COMPAGNON, 1999) descrevia a comunicação literária como um triângulo cujos vértices são o mundo, o autor e o leitor e tendo a obra como núcleo.



O processo de leitura é interacional, uma vez que o leitor não é um mero receptor do conteúdo do texto, mas também um criador. É da interação dialética entre a visão e experiência de mundo do autor e a do leitor que um texto pode emergir em sua configuração mais plena.

O cunho sociointeracional da leitura torna-se ainda mais evidente na literatura. Wolgang Iser (1996) propõe que a obra literária possui dois pólos, o artístico (o texto produzido pelo autor) e o estético (a realização efetuada pelo leitor durante o ato da leitura).

O texto se caracteriza enquanto um "processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor" (ISER, 1996, p. 13).

Entretanto, conforme já mencionado anteriormente com Merleau-Ponty (1991), seria impossível delimitarmos o que é próprio do universo subjetivo do leitor e o que de fato é próprio do texto. Nessa medida, colocou Proust (*apud* COMPAGNON, 1999, p. 143): "não se atingiria nunca o livro, mas sempre um espírito reagindo [ao] livro e misturando-se a ele, o nosso, ou de um outro leitor".

Conforme verificamos nos relatos anteriores e ainda em relatos que virão, o processo de leitura envolve empatia, projeção e identificação, ele submete o livro às preocupações do leitor. O leitor aplica o que lê à sua própria situação (COMPAGNON, 1999). O relato a seguir reitera essa noção.

Eu achei ele [o livro Crepúsculo] muito meloso. Na época eu era adolescente, então já tinha muitos problemas com mulheres, não precisava de mais alguém que ficasse falando exatamente isso, enaltecendo alguém e se diminuindo. Por outro lado se tinha a Hermione [personagem da série Harry Potter], com uma proposta, tipo "Para de reclamar e faz alguma coisa!" Enquanto que o que a Bella Swan [protagonista da série Crepúsculo] fazia era só enaltecer um cara por nada e se rebaixar [...] e essa visão apaixonada dela, tipo "ele é perfeito", era uma coisa que antes eu me diminuía e colocava as outras pessoas num pedestal e eu não queria ler isso, uma coisa que me tocava no sentido tipo "eu sei que eu sou desse jeito" e eu precisava de uma maneira de não ser assim, porque isso não é... não me faz bem e não é assim que eu deveria ser, então não é um bom exemplo. Eu tomei como um exemplo para não seguir e alguma coisa pra me motivava a parar de pensar daquele jeito. Fernando, 23 anos, Blooks.

Dessa forma, Compagnon (1999) aponta que tanto o autor quanto a obra mantêm muito pouco controle sobre o leitor:

Na realidade cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo, a obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que sem o livro talvez não tivesse visto em si mesmo.

A leitura tem um poder de despertar em nós regiões que, até então, estavam adormecidas, trazendo à tona, de quando em quando, lembranças escondidas, sensações e sentimentos que muitas vezes nem sabíamos que existiam em nós e de repente se revelam com uma nitidez surpreendente (PETIT, 2009).

Wolfgang Iser, teórico da estética da recepção, é, junto com Jauss, um dos primeiros autores a dar ênfase ao leitor no processo comunicacional da leitura. Lima (1979, p. 23) constrói uma interessante síntese sobre as teses de Iser na introdução da coletânea "A literatura e o leitor: textos de estética da recepção" que reúne textos originais de Jauss, Iser e outros autores influentes:

O texto de W. Iser parte da consideração sobre o papel desempenhado pela contingência nas interações humanas. Na interação a dois, a cada parceiro é impossível saber como está sendo exatamente recebido pelo outro. Na precisa formulação de Laing: "Tua experiência de mim é invisível a mim e minha experiência de ti é invisível a ti". Deste lastro negativo, resultará, contudo, uma exigência de ordem positiva: o hiato em que sempre corre cada ato de interação, a transparência mútua impossível nos obriga à prática cotidiana da interpretação. A interpretação, portanto, cobre os vazios contidos no espaço que se forma entre a afirmação de um e a réplica do outro, entre pergunta e resposta.

Entretanto, embora as abordagens pragmáticas da teoria literária deem tanta ênfase e poder ao leitor, conferindo a ele um lugar de destaque na relação autor-obra-leitor, sem a ação do primeiro, concretizada no objeto artístico que permite a apreciação estética, o acesso do leitor a regiões desconhecidas de si mesmo não seria possível, reitera-se, dessa forma, a importância do primeiro nível do processo social caracterizado pela leitura, a relação autor-leitor.

O segundo nível, seria a relação obra-leitor e o terceiro seria a relação leitor-mundo, após sofrer a transformação propiciada pela leitura.

A respeito do segundo nível, Iser propõe que existe uma "assimetria entre o texto e o leitor" que obriga este segundo a uma mudança em sua contingência interacional, em seu padrão de resposta (Iser, 1979). Novamente Lima (1979, p. 23) nos ajuda a compreender como ocorre este processo de transformação.

[...] os textos e não só os ficcionais – tampouco são figuras plenas, mas, ao contrário, enunciados com vazios, que exigem do leitor o seu preenchimento. Este se realiza mediante a *projeção* do leitor. A comunicação entre o texto e o leitor fracassará quando tais projeções se impuserem independentes do texto, fomentadas que serão pela própria fantasia ou pelas expectativas estereotipadas do leitor. Ao invés, a comunicação de êxito dependerá de o texto forçar o leitor à mudança de suas "representações projetivas" habituais. (grifo meu)

Em outras palavras, segundo Zilberman (1989, p. 34):

a obra predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário. Segundo Jauss, ela evoca o "horizonte de expectativas e as regras do jogo" familiares ao leitor, "que são imediatamente alteradas, corrigidas, transformadas ou também apenas reproduzidas".

A capacidade de causar choque e reorientar o universo representacional e simbólico do leitor permite com que ele amplie sua compreensão da realidade, uma vez que adquire uma postura questionadora frente a ela. "O ato de ler destrói certezas, pois a pessoa que lê questiona, se inquieta, analisa, pondera, processa, identifica-se" (LIMA, 2018). Eis a dimensão crítica da leitura.

A partir daí se dá o terceiro nível, no qual o leitor, transformado pela leitura, passa a enxergar e relacionar-se com o mundo de forma distinta do que acontecia antes dessa transformação.

## 6. Apologia ao encontro

Ler é ir ao encontro de uma coisa que vai existir, mas ninguém ainda sabe o que será. Italo Calvino

Amigo, para mim, é só isto! É a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual, o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é.

João Guimarães Rosa

Como afirmava Paulo Freire, o processo psicológico de ler uma narrativa escrita é análogo ao processo de leitura do mundo, de forma que eles se influenciam mutuamente. Para Freire (2001, p. 11), a capacidade de leitura precisa ser entendida de forma complexa:

[trata-se de um] processo que envolve uma compreensão crítica de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

Assim, o ato de ler pode ser libertador, na medida em que desenvolve sujeitos críticos. Dessa maneira, como já destaquei anteriormente, a leitura pode se constituir como um importante instrumento de poder.

Além disso, podemos afirmar, com Freire, que não existe uma interpretação única para um mesmo texto, pois ela depende das experiências individuais e da relação que cada um estabelece com o mundo, com os outros e com os objetos da cultura, ou seja, a interpretação de uma obra literária, passa, necessariamente, pela leitura singular de mundo que cada sujeito realiza.

Eu percebi o quanto a opinião de outra pessoa podia ser diametralmente oposta da minha e mesmo tendo essa divergência de pensamentos, de ouvir a pessoa expor o pensamento dela eu poderia ou, marcadamente reconhecer [...] eu poderia pensar assim 'ah, ok, algo que eu não considerei', sabe? Eu acho que enriquece o processo de leitura. E também eu percebia assim: 'olha, que interessante! Essa pessoa que tá falando que o Alex é assim [referindo-se ao protagonista de uma das obras debatidas], que eu não concordo, ao mesmo tempo percebeu, sei lá, uma técnica do autor que eu não percebi', sabe? E eu percebi que tipo o esforço dos escritores em fazer coisas não é em vão. Não sei... deu uma outra camada para mim apreciar a leitura. [...] Porque às vezes você fica muito... você só tem sua opinião ali. O Schopenhauer dizia que 'ler é pensar com a cabeça de outra pessoa', você já fica marcadamente preso a isso, só que aí eu percebi que não é exatamente isso, mesmo você lendo, você traz toda aquela sua bagagem e eu acho que isso é que é interessante você ver outras opiniões divergindo ou convergindo em alguns termos. Acho que é isso, mesmo quando há divergência é bom. É isso que me atraiu [no clube de leitura]. Ícaro, 31 anos, Clube da Blooks.

A leitura literária favorece, portanto, a criação novas formas de subjetivação, a partir do encontro com nós mesmos, possibilitado pela história de outras pessoas (personagens), experiência sem a qual talvez nunca pudéssemos entrar em contato com certos aspectos intrínsecos.

Eu acho que ler, assim, me ajudou totalmente a ser quem eu sou assim [...] tem aquela frase bem slogan, né, 'você é o que você come', eu acho que eu sou o que eu leio porque eu como mal honestamente [risos]... se uma nutricionista me avaliasse... Assim, eu me defino pelo que eu leio, tanto que eu sou uma pessoa mais... a minha cidade de origem é extremamente polarizada politicamente assim... sei lá, ela é bem conservadora e eu sempre fui mais aberto, por causa que eu sempre li, sei lá, sobre alienígenas, sobre o diferente, sobre o outro, sabe, e eu acho que isso me deixou mais propenso a ser aberto às diferenças, sabe? Porque, na minha cidade, sem brincadeira, você não convive com pessoas muito diferentes. Vou dar um exemplo [...] na minha cidade eu nunca convivi com uma pessoa trans. [...] Eu acho que eu fiquei muito mais propenso a estar aberto a essas experiências diferentes, sabe? [...] Eu sempre fui mais aberto pra tudo e eu acho que é só por causa da minha leitura porque não foi por criação e nem nada. Então eu acho que minhas leituras me fizeram ser uma pessoa num mundo diferente do que eu seria sem elas. Sem disputa, totalmente. Porque, assim, eu percebo... assim, por exemplo, eu percebo que por mais antissocial que eu seja, quando as pessoas conversam comigo, eu sou muito mais... tenho muito mais tato e sou muito mais polido, político não sei... do que meus amigos, porque, sei lá, eu já li diversos diálogos... sei lá, então, eu tenho essa capacidade de pensar numa resposta. Sabe, eu sou bom em diálogos não por dialogar, mas por ter lido e aí eu consigo dialogar. Ícaro, 31 anos, Clube da Blooks.

Trata-se, como vimos, de uma experiência estética tão profunda que, muitas vezes, nos sentimos repletos de sentido e precisamos encontrar outras pessoas com as quais possamos compartilhá-los.

Ler é, eminentemente, um espaço de encontro. A leitura aproxima pessoas, convocando-as ao diálogo, à investigação e à ampliação conjunta de sentidos (MARIA, 2016).

A esse respeito, trago a experiência de Cíntia, de 34 anos que teve sua impressão sobre um dado livro transformada após o encontro:

Minha experiência com esse livro foi curiosa, pois, durante a leitura, ele não me agradou muito. Cheguei até a achar o enredo e o desfecho bobos. Porém, com a discussão e visão dos amigos do clube, pude enxergar outros aspectos da obra, que não estava percebendo até então. Caderno de Campo de Cíntia, 34 anos, Pasárgada.

Nesse sentido, C. S. Lewis vai dizer que "amamos saber exatamente como os outros apreciam o que apreciamos" (*apud* MARIA, 2016, p. 60).

E melhor ainda é notar, por meio do registro de Cíntia e de diversos outros relatos, que o diálogo e o contato com apreciações diversas pode transformar consideravelmente a experiência de leitura, de forma que se pode passar a gostar de um livro que, durante a leitura solitária, não havia agradado.

Caminhando nessa discussão, gostaria de propor a reflexão sobre uma cena da qual participei durante a realização dessa pesquisa, vamos a ela: um grupo de mulheres se reúne em um shopping para falar sobre livros. Elas, que antes se encontravam num espaço dedicado à leitura, de repente se veem desalojadas quando esse é desativado e passam a se encontrar num outro local de convivência dentro do mesmo shopping.

Frequentemente, consumidores e seguranças passam olhando com muita curiosidade, muitas vezes parecendo incomodados, estranhando, como se elas não fizessem parte daquele espaço, como se não compartilhassem do código de conduta do lugar.

Essa situação se estende por diversos encontros até que em dado momento um dos seguranças as aborda, questionando sobre o que elas fazem ali, quase pedindo pra que elas se retirem.

No artigo intitulado *Comunidades de artistas: um fenômeno de investigação em psicologia social*, Andriolo (2018) vai discutir a gênese e a formação de comunidades que tem as práticas artísticas como aspecto central.

Refletindo sobre o nível da experiência estética vivida no âmbito dessas comunidades, o autor vai se aproximar da noção de comunidade estética, proposta por Arnold Berleant (1997).

A concepção de "comunidade", de acordo com Sawaya (1996, p. 48 apud ANDRIOLO, 2018, p. 29), envolve:

um movimento de recriação permanente da existência coletiva, fluir de experiências sociais vividas como realidade do eu e partilhadas intersubjetivamente, capaz de

subsidiar formas coletivas de luta pela libertação de cada um e pela igualdade de todos.

Uma comunidade estética surge em contextos de interação com a arte, não se restringindo, entretanto, ao campo artístico e se caracterizando por uma vinculação propriamente perceptual - e, portanto, notadamente estética, já que pautada no conhecimento proveniente dos sentidos - com o meio, ou seja, diz respeito a uma participação corpórea contínua no ambiente natural e social (ANDRIOLO, 2018).

A formação de uma comunidade estética está condicionada à mutualidade dos integrantes, à reciprocidade dos elementos constituintes, à multiplicidade das funções interrelacionadas, à transformação de observadores em participantes, à importância da experiência qualitativa (BERLEANT, 1997 *apud* ANDRIOLO, 2018).

Como nos mostram meus parceiros de pesquisa, falar sobre o que se lê não apenas agrada o leitor, mas, muitas vezes, torna-se uma urgência, uma necessidade que provoca uma transformação na experiência da leitura solitária.

Por isso trocamos impressões sobre livros com prazer e essas trocas são capazes de criar uma forma muito específica de estar com os outros e de pertencer a um grupo, mediada pela experiência sensível e vivida num espaço seguro e democrático, caracterizado pela autenticidade e igualdade.

Assim, embora o envolvimento contínuo com o ambiente que ocupam não seja uma característica dos grupos estudados, chama a atenção o fato de que a forma de ocupar os diferentes espaços nos quais ocorrem os encontros, diferencia-se da forma corriqueira de ocupação desses lugares pelas pessoas em geral, seria a criação de um outro espaço, subjacente ao espaço social habitual.

Essa forma peculiar e compartilhada de ocupar um espaço, e utilizá-lo para trocas de experiências mediadas pelo objeto artístico, propicia uma experiência comunitária propriamente estética, aproximando-se, com as devidas reservas conceituais, da noção de comunidade estética.

Como vimos no depoimento de Ícaro e em tantos outros, o que os clubistas consideram que há de mais rico nessa experiência do encontro foi, justamente, a possibilidade de alargamento da percepção da obra por meio do contato com múltiplos olhares.

"O fim da eternidade" foi um livro tecnicamente simples e, como de costume, com bons tópicos para reflexão e discussão. Um em específico foi o que mais me chamou atenção durante o clube. Havia levemente notado que uma determinada ação do personagem principal parecia ser muito desnecessária ou errônea, mas tive dificuldades, confesso, em racionalizar exatamente a raiz disso, durante a discussão o ponto foi abordado e o ponto de vista da minha namorada foi decisivo em me

fazer entender o problema central daquele trecho: tratava-se de uma questão em que a mulher é menosprezada por uma ação de um homem (consciente ou inconscientemente). Esse é um dos melhores exemplos de como julgo este clube importante e relevante. Era notável de que havia algo de errado, porém dentro do meu campo limitado de visão não pude entender o problema, muito pelo fato de, na vida real, ser um problema causado pelo meu próprio (não sei o termo correto ainda, perdão) gênero ou sexo. A adição de outras perspectivas sobre um tópico em comum, dentro de um ambiente seguro para discussões e aprendizado é maravilhosamente encantadora. Caderno de Campo de Fernando, 23 anos, Clube da Blooks.

Fernando considera também que esse alargamento da percepção nos torna mais sensíveis e empáticos em relação ao sofrimento do outro.

o clube de leitura é legal também não só pelas leituras em si ou pelo fato de você conseguir discutir algum livro ou alguma coisa que você gostou muito com as pessoas, eu tenho a sorte de não ter esse problema no meu grupo de amizades, sempre tem alguma coisa que eu faço ou que eu assisto que eu consigo discutir com uma outra pessoa. [...] não só por causa disso, mas pela experiência das pessoas, acho que é o mais legal você ter uma história ou algum acontecimento pelo ponto de vista de outra pessoa [...] ela pega alguma coisa muito importante que, por você estar inserido num contexto diferente, você não consegue refletir sobre aquilo. Isso é um aprendizado, assim, sensacional! Isso é uma coisa de outro mundo, você entender o problema, alguma coisa que atinge, mas você não tem aquele problema, você não vive aquela situação, então você não consegue entender, mas às vezes você conhece pessoas que tem aquilo e você não consegue ajuda-las, você não consegue corresponder, se comunicar e às vezes você até piora a situação porque você nunca passou por aquilo e você não entende. Fernando, 23 anos, Clube da Blooks

Não foram poucas as vezes que ouvi dos clubistas, ou li em seus cadernos de campo, que o momento do encontro funcionava para eles como uma espécie de terapia.

Minha expectativa para o debate do livro era que seria rápido e leve. Mas devido às nossas experiências e vivências o encontro foi extremamente complexo. Quase uma terapia de grupo. Debatemos não só a homossexualidade, mas o papel da mulher, os estereótipos e pré-conceitos. Tivemos uma nova participante, o que ajudou muito nas conversas. Foi um ótimo encontro, aprofundamos nossas relações com uma conversa franca e aberta. É bom sair da rotina diária e conversar com amigas, mudar a mesmice. Caderno de campo de Keyla, 52 anos, Leia Mulheres.

A antropóloga Michèle Petit trabalha incansavelmente sobre a ideia da leitura - e de seu compartilhamento - como ferramenta de resistência e elaboração de traumas psíquicos em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, que teve sua primeira edição brasileira publicada pela editora 34, no ano de 2009. A esse respeito, Ícaro de 31 anos nos conta sua experiência:

Meu pai morreu quando eu tinha 16 anos e eu fiquei muito depressivo, cheguei a ir no psiquiatra, tomei medicamento e foi lendo que eu [ininteligível], porque chegou uma hora que eu falei "não vou mais tomar remédio" e aí lendo Schopenhauer e Shakespeare eu me senti bem. Porque nessas leituras você vê que seu sofrimento não é único, outras pessoas sofreram outras coisas, sei lá, outras pessoas passaram pelas mesmas coisas e tudo passa mesmo. [...] Se não fosse a leitura eu não teria conforto, porque as pessoas vinham dizer coisas pra mim e eu pensava assim: "não sabe o que eu tô passando", só lendo que eu tive esse... que eu falava "esse cara aqui, eu entendo o que ele tá passando", sei lá, eu não conseguia empatizar com as pessoas, só com os livros, porque eu achava aquilo falso, sabe, "ah, você tá falando isso pra eu ficar bom", ficava até com raiva e lendo não, lendo eu aceitava o que Shakespeare me dizia. Ìcaro, 31 anos, Clube da Blooks.

#### MOMENTO DE CONCLUIR

Não obstante tenha havido interesse por parte de pesquisadores da psicologia pelo fenômeno da leitura, realizada de forma individual ou por grupos, a prática social de clubes de leitura permanece pouco estudada no Brasil, em especial no tocante aos processos e significados psicossociais envolvidos em sua dimensão estética.

Assim, espero que esse trabalho abra o caminho para novos estudos sobre o fenômeno dos clubes de leitura no Brasil, em diversas áreas do conhecimento. Do ponto de vista psicológico, carecemos de mais estudos que investiguem, por exemplo, o potencial curativo das práticas de leitura em contextos dialógicos, ao qual, nessa ocasião, só pude fazer uma breve menção.

O papel inicial da leitura é a construção de um pensamento crítico que permitirá ao leitor, a partir da pluralidade de significados que a leitura propicia, incrementar seu universo simbólico e intervir no seu contexto.

O que em geral não se percebe é que a leitura na verdade não diz respeito apenas aos textos, a leitura é um ato que está presente na vida cotidiana de todas as pessoas, ler um texto se trata de um ato bastante similar ao ato de decodificar o mundo, a vida. "Da mesma forma que precisamos ler os parágrafos para compreender um texto, precisamos ler a sociedade para entender a vida" (SANTIAGO, 2018)<sup>14</sup>.

Entretanto, como apontam alguns autores (TAVELA, 2012; GALLART, 1995), há uma deficiência da escola em formar leitores, uma vez que a leitura no contexto escolar é compulsória e não focada na dimensão pessoal, lúdica e prazerosa do hábito de ler.

Longe de ser um problema estritamente educacional, tal como mencionado anteriormente, o fato do Brasil não ser um país de leitores relaciona-se a um problema social amplo e complexo, criado e reproduzido pela cultura, partindo de nosso contexto histórico de país colonizado.

Do ponto de vista educacional, ainda hoje os índices de analfabetismo e analfabetismo funcional apontam para o fato de que boa parte da população não desenvolveu habilidades de leitura – e, portanto, não domina a linguagem escrita de forma plena - fato que, associado ao mito de que "ler é difícil", compõe mais uma das engrenagens do problema.

-

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> "O que não te falaram sobre a leitura", vídeo disponível no canal do influenciador digital Spartakus Santiago e produzido em parceria com a TAG – Experiências Literárias. Acesso por meio do link: https://www.youtube.com/watch?v=aZFOUCz7lP4.

Do ponto de vista sociocultural destacam-se dois fatores: 1) o livro ainda se trata de um produto caro e de difícil acesso para a maior parte da população e 2) a família, que tem grande influência na criação de hábitos de leitura, na grande maioria das vezes não cumpre essa função, sobretudo porque os mais velhos carregam resquícios de uma cultura em que apenas os doutores eram capazes de ler.

Outro aspecto que se assoma à questão, como expressão do pensamento utilitarista e imediatista, muito característico da nossa contemporaneidade, é a ideia de que a leitura literária não teria função, ou seja: para que ler? O que isso vai me acrescentar? Além do fato de que ler é um ato que requer demora - o tempo é lento e não acelerado como nos impõe a máquina capitalista - e os efeitos da leitura também não são imediatos como estamos acostumados a buscar em decorrência dessa lógica.

Assim, o conhecimento, aliado à supervalorização do livro como objeto até meados do século XX, criou uma aura falsa de que a leitura 1) tem de ter um fim e 2) apenas alguns poucos capazes podem fazê-la.

Álvarez-Álvarez (2016) aponta que inúmeros estudos internacionais revelam que os clubes de leitura atualmente se constituem como estratégias significativas e inovadoras na promoção do prazer da leitura e na criação de um hábito leitor em pessoas de diferentes origens.

Essas práticas, conforme apontam os estudos, são capazes de ampliar a compreensão das obras, a partir do compartilhamento de conhecimentos e experiências e do aprofundamento nos temas abordados nos livros.

Além disso, pesquisadores como Hall (2009), Gritter (2011), Mills e Jennings (2011) e Reed e Vaughn (2012) constataram que os processos grupais de discussão e explanação de opiniões sobre livros aumentam a compreensão individual da leitura e estimulam o amor à leitura e aos livros, além de libertá-la de seus contextos usuais de individualidade e solidão. O presente estudo chegou aos mesmos resultados.

O alargamento do repertório linguístico e literário dos participantes e o incremento de suas habilidades linguísticas são outros resultados das práticas de leitura compartilhada.

O exercício do diálogo torna o leitor cada vez mais hábil em falar sobre seus sentimentos, impressões e preferências acerca de livros com outras pessoas, capacitando-o também a oferecer informações a respeito do estilo do autor ou do vocabulário empregado, sofisticando suas capacidades críticas no contexto de fruição da obra.

Womey (2007) constatou que as práticas de leitura dialógica são capazes de construir significados sobre as obras que extrapolam os domínios individual e social.

Em estudo muito parecido com o nosso, realizado na Espanha, Álvarez-Álvarez (2016) aponta que o que motivou sua pesquisa etnográfica foi buscar compreender o que essas discussões trazem aos participantes para torná-los tão engajados.

Os resultados de seu estudo confirmaram que a participação em clubes de leitura constitui-se em uma experiência agregadora que enriquece seus membros em três diferentes níveis: 1) literário, ampliando noções sobre gêneros, escolhas narrativas, técnicas de escrita, enredo, construção de personagens, etc.; 2) pessoal, dado que as discussões em grupo frequentemente extrapolam o próprio conteúdo do livro e se movem rumo a reflexões sobre questões e valores sociais; 3) educacional, desenvolvendo não apenas o repertório linguístico e cultural dos participantes, mas também fornecendo conhecimentos gerais, de acordo com cada livro, com sua temática específica.

O compartilhamento das diferentes experiências, não apenas de leitura, como também de vida - uma vez que cada leitor traz para a leitura e para o debate em grupo a sua própria bagagem intelectual e cultural, ou seja, a sua própria história -, propicia um incremento de conhecimentos acerca de vários tópicos sobre os quais individualmente os participantes poderiam não ter domínio. Dessa forma, eleva-se o padrão de discussão, gerando profundas reflexões em vários campos, literário, social, humano, econômico, ambiental, etc.

Além disso, Álvarez-Álvarez (2016) ressalta que os debates nos quais ocorreram conflitos de valores entre os membros demonstram outro aspecto da importância dessas práticas, na medida em que elas abrem espaço social e cultural para a discussão de questões controversas e polêmicas entre pessoas com diferentes experiências e ideologias em igualdade de condições, num clima de apoio e polidez, constituindo-se, assim, um espaço democrático.

Nossa pesquisa, em consonância com as demais pesquisas mencionadas, apontou que as experiências de leitura dialógica contribuem para a expansão do pensamento e para o empoderamento dos participantes, a quem é dado o direito de expor suas impressões e opiniões de maneira igualitária, o que contribui para uma interação reflexiva, respeitosa, aberta, solidária e argumentativa (MELLARD; PATTERSON; PREWETT, 2007 apud ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, 2016).

Nessa medida, acredita-se, com Álvarez-Álvarez (2016), que os clubes de leitura favorecem, inclusive, o desenvolvimento e prática da cidadania de maneira mais plena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, C. Book clubs: an ethnographic study of an innovative reading practice in Spain, **Studies in Continuing Education**, 38:2, p. 228-242, 2016;

ANASTÁCIO, V. **Uma antologia improvável:** a escrita das mulheres (séculos XVI e XVIII). Lisboa: Relógio D'Água, 2013;

ANDRIOLO, A. Comunidades de artistas: um fenômeno de investigação em psicologia social. In: **Atualidades na investigação em psicologia e psicanálise** [S.l: s.n.]. Disponível em: DOI: 10.5151/9788580393101-01, 2018;

BERLEANT, A. **The Aesthetics of Environment**. Philadelphia: Temple University Press, 1992;

BERLEANT, A. **Living in the landcaspe:** toward an aesthetics of environment. Lawrence: University Press of Kansas, 1997;

BERLEANT, A. The art in knowing a landscape. **Diogenes**, 59 (1-2), p. 52-62, 2013;

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977;

BRANCO, P. C. C. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. **Revista da Abordagem Gestáltica** - Phenomenological Studies – XX(2): 189-197, jul-dez, 2014;

BREWER, J. D. Ethnography, Open University Press: Buckingham, 2000;

CARMO, P. S. Merleau-Ponty: uma introdução. São Paulo: Educ, 2011;

CHARTIER, R. **O homem de letras**. In: VOVELLE, M (org.) **O homem do iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 118 - 150;

CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (orgs.) História da vida privada. Da renascença ao século das luzes, vol. 03, p. 113-161, Companhia das Letras: São Paulo, 1990:

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999;

DARTIGUES, A. O que é fenomenologia? São Paulo: Moraes, 1992;

DELAMONT, S.; ATKINSON, P. Qualitative research and the postmodern turn. In: HARDY, M. A.; BRYMAN, A. (Eds.), Handbook of Data Analysis (pp.667-681). Sage: London, 2004;

ELSAYED, A. M. Arab online book clubs: A survey. **International Federation of Library Associations and Institutions**, Haia, n° 36(3), p. 235–250, 2010;

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3.,

set./dez. 2005;

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001;GALLART, I. S. I. El placer de ler. **Lectura y vida**, La Plata, n° 3, set. 1995;

GERGEN, K. J. A pesquisa como prática de construção. In: GERGEN, K. J. Construcionismo social: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010;

GLOBAL GFK SURVEY. Frequency of reading books. Nuremberg, 2017;

GNERRE, M. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1985;

GRITTER, K. Promoting Lively Literature Discussion. **The Reading Teacher,** 64 (6), p. 445–449, 2011;

HALL, L. A. A Necessary Part of Good Teaching: Using Book Clubs to Develop Preservice Teachers' Visions of Self. **Literacy Research and Instruction**, 48 (4), p. 298–317, 2009;

IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD). Rio de Janeiro, 2016;

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. São Paulo, 2016:

ISER, W. O ato da leitura. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 01;

ISER, W. O ato da leitura. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 02;

JAUSS, H. R., **A estética da recepção: colocações gerais**. In: LIMA, L. C. (org.) **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979;

JAUSS, H. R., O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, L. C. (org.) A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979;

JAUSS, H. R., **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994;

JINZENJI, M. Y. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu**, nº 38, p. 367-394, jan./jun., 2012;

LEIVA, J. **Cultura nas capitais**: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018;

LIMA, L. C., **O leitor demanda (d)a literatura**. In: LIMA, L. C. (org.) **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979;

LIMA, L. E. C. **As dimensões dialógicas da mediação da leitura.** In: NETO, R.; LIMA, L. E. C. Curso formação de mediadores de leitura. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018;

MANGUEL, A. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997;

MARIA, L. O clube do livro: ser leitor, que diferença faz? São Paulo: Global, 2016;

MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1971;

MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1984;

MERLEAU-PONTY, M. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: \_\_\_\_\_. Signos. São Paulo: Martins Fontes, 1991;

MERLEAU-PONTY. M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999;

MILLS, H.; JENNINGS, L. Talking About Talk: Reclaiming the Value and Power of Literature Circles. **The Reading Teacher**, 64 (8): 590–598, 2011;

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002;

NETO, J. A. S.; Steindel, G. E. O clube de leitura: vigilâncias da escola nova em Santa Catarina (1944–1946). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 70, p. 271-287, dez. 2016;

PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009;

PETIT, M. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2ª ed., 2010

RAMOS, I. M. T. P. "Era uma vez... Outra vez" — Visualidade e (re)criação do imaginário com Ana Saldanha: Experiência num Clube de Leitura. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares) — Universidade Aberta, Lisboa, 2012;

REED, D. K.; VAUGHN, S. Retell as an Indicator of Reading Comprehension. **Scientific Studies of Reading**, 16 (3), p. 187–217, 2012;

SEDO, D. Readers in reading groups: An online survey of face-to-face and virtual book clubs, **International Journal of Research into New Media Technologies**, no 9(66), p. 66–90, 2003;

TAVELA, M. C. W. **Literatura de massa na formação do leitor literário.** Disponível em: < http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf >. Acesso em 07 de setembro de 2015;

TORRE, I. P. P. B. **Clubes virtuais de leitura:** Práticas e competências leitoras. 2012. 196 f. Tese (Doutoramento em Ciências de Educação Especialidade de Literacias e Ensino do Português) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2012;

WOMEY, S. Reading "Woman": Book Club Pedagogies and the Literary Imagination. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, 50 (5), p. 398–407, 2007;

ZILBERMAN, R. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

#### **ANEXOS**

# ANEXO A - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL DA ARTE

**Pesquisadora:** Mara Aline de Campos dos Santos (Mestranda em Psicologia Social no departamento de Psicologia social e do trabalho do IP/USP)

**Orientador:** Prof. Dr. Arley Andriolo (Professor livre-docente do departamento de Psicologia social e do trabalho do IP/USP e coordenador do Laboratório de Pesquisa em Psicologia da Arte - LAPA)

**Título provisório da pesquisa:** EXPERIÊNCIA E EFEITO ESTÉTICO EM CLUBES DE LEITURA: A ABERTURA DE NOVAS POSSIBILIDADES PARA O SER LEITOR

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: O motivo que nos leva a estudar a experiência estética da leitura literária de entretenimento é devido ao seu amplo alcance e interesse para muitas pessoas, em especial jovens, a pesquisa se justifica pela importância de compreender este fenômeno e seus possíveis efeitos subjetivos e sociais. O objetivo desse projeto é discutir o caráter e manifestação da experiência estética que ocorre com esse tipo específico de literatura. Os procedimentos de coleta de dados serão entrevistas individuais e participação da pesquisadora nas reuniões do grupo.

**DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS**: Existe um desconforto e risco mínimo para você que se submeter à coleta de dados, sendo que se justifica pelo benefício pessoal e social que essa pesquisa poderá trazer quando verificada a natureza dos efeitos da arte no seu cotidiano.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA**: Havendo necessidade e/ou interesse, por conta de aspectos suscitados pela pesquisa, você será encaminhada(o) a um profissional ou serviço de psicologia para atendimento da demanda.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecida(o) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é

livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificada(o) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

#### ETAPAS DO TRABALHO DE CAMPO

#### • ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

- 1) **Entrevista inicial:** Serão realizadas apenas com aquela(e)s participantes que se dispuserem a conceder a entrevista. Os assuntos abordados serão genéricos (não necessariamente atrelados à experiência em grupo), relacionados à forma de relação que a(o) participante possui com a leitura;
  - OBS.: Mesmo que o grupo decidir por não participar da pesquisa, se um(a) integrante quiser conceder a entrevista inicial, será bem-vinda(o), visto que a "entrevista inicial" e as "sessões de observação participante" são etapas independentes da pesquisa. Da mesma forma, a(o) participante que estiver realizando a etapa em grupo não está obrigada a conceder a entrevista inicial, apenas informações que digam respeito a sua experiência no grupo.
- 2) Entrevista final: Deverão participar todas(os) integrantes ativas(os) que participaram de pelo menos uma das reuniões cuja pesquisadora esteve presente (à partir do início da pesquisa, que está previsto para março de 2017);
  - OBS.: A pesquisadora poderá sugerir um "bate-papo" em grupo ao final do processo para receber e fazer devolutivas das situações observadas/vividas.

# OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

Serão seis ao todo, exceto se ocorrer alguma eventualidade e a pesquisadora sentir a necessidade de fazer mais observações, situação que deverá ser comunicada e avaliada pelo grupo. A proposta de início das observações é março de 2017 e de término, agosto de 2017.

Será sugerido à(o)s participantes que façam o uso de um caderno de campo para registro das atividades e impressões pessoais ao longo de todo o processo de pesquisa, o mesmo será feito pela pesquisadora.

OBS.: O caderno de campo será oferecido pela pesquisadora e deverá ser entregue a ela ao final do processo ou sempre que solicitado. As(os) participantes terão liberdade para tirar cópias de seus registros antes da entrega definitiva, se assim desejarem.

- OBS.: Tanto as entrevistas quanto as sessões de observação participante serão gravadas (em áudio ou audiovisual). O emprego do melhor recurso a fim de preservar ao máximo o conforto das(os) participantes será discutido com o grupo.
- OBS 2.: Recursos como registros fotográficos também poderão ser utilizados, conforme autorização das(os) participantes.

# COMPROMISSOS DA PESQUISADORA EM RELAÇÃO AOS PARTICIPANTES E À PESQUISA

- 1- Respeitar a propriedade intelectual e a dignidade humana das(os) participantes da pesquisa (a pesquisa entendida como processo em que pesquisador e pesquisado constroem juntos o conhecimento);
- 2- Manter sob sigilo as informações ofertadas, ou seja, serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto;
- 3- Publicar os achados da pesquisa nos meios científicos preservando a identidade de seus participantes;
- 4- Divulgar os resultados da pesquisa para os seus participantes e permitir que os benefícios dela retornem a elas(es);
- 5- Iniciar a pesquisa somente após aprovação pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos);
- 6- Respeitar todas as normas da Resolução 466/2012 e suas complementares em todas as etapas de execução deste projeto (lei que regulamenta as normas e condutas éticas na realização de pesquisa com seres humanos).

#### ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: "Experiência e efeito estético em clubes de leitura: a abertura de novas possibilidades para o ser leitor".

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O motivo que nos leva a estudar a experiência estética da leitura literária de entretenimento é devido ao seu amplo alcance e interesse para muitas pessoas, em especial jovens, a pesquisa se justifica pela importância de compreender este fenômeno e seus possíveis efeitos subjetivos e sociais. O objetivo desse projeto é discutir o caráter e manifestação da experiência estética que ocorre com esse tipo específico de literatura. Os procedimentos de coleta de dados serão entrevistas individuais e participação da pesquisadora nas reuniões do grupo.

**DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS**: Existe um desconforto e risco mínimo para você que se submeter à coleta de dados, sendo que se justifica pelo benefício pessoal e social que essa pesquisa poderá trazer quando verificada a natureza dos efeitos da arte no seu cotidiano.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA**: Havendo necessidade e/ou interesse, por conta de aspectos suscitados pela pesquisa, você será encaminhado(a) a um profissional ou serviço de psicologia para atendimento da demanda.

## GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE

**SIGILO**: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pela pesquisadora no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e outra será fornecida a você.

**CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO**: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PA	RTICIPANTE OU DO RESPONSAVEL P	ELO(A)	
PARTICIPANTE: Eu,	ft	fui informado (a) dos	
objetivos da pesquisa acima c	le maneira clara e detalhada e esclareci minha	s dúvidas. Sei que em	
qualquer momento poderei so	licitar novas informações e motivar minha dec	cisão, se assim o desejar. A	
pesquisadora Mara Aline de O	Campos dos Santos, orientada pelo professor I	Or. Arley Andriolo,	
certificou-me de que todos os	dados desta pesquisa serão confidenciais.		
Também sei que caso existan	n gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo	o orçamento da pesquisa.	
Em caso de dúvidas poderei o	hamar a pesquisadora pelo telefone (11) 9442	2-6763 ou o Comitê de	
Ética em Pesquisa com Seres	Humanos do Instituto de Psicologia da Unive	rsidade de São Paulo, sito à	
Av. Professor Mello Moraes,	1721 – Bloco G, sala 27, pelo telefone: (11) 3	091-4182 ou pelo e-mail:	
ceph.ip@usp.br.			
Declaro que concordo em par	ticipar desse estudo. Recebi uma cópia deste t	ermo de consentimento	
livre e esclarecido e me foi da	nda a oportunidade de ler e esclarecer as minha	as dúvidas.	
Nome	Assinatura do Participante	Data	
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data	
Nome	Assinatura da Testemunha	Data	

# ANEXO C - LISTA DE LIVROS LIDOS PELOS GRUPOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

# Pasárgada (de abril a outubro de 2017)

Encontro focado nas obras do autor Milton Hatoum

Jesus Cristo bebia cerveja – Afonso Cruz

Capão Pecado – Ferréz

O oitavo selo – Heloísa Seixas

Lavoura Arcaica – Raduan Nassar

O tribunal da quinta-feira – Michel Laub

## Clube da Blooks (de março a agosto de 2017)

O fim da eternidade – Isaac Asimov (início da pesquisa)

Tempos difíceis – Charles Dickens

Eu sou a lenda - Richard Matheson

Moscow - Edyr Augusto

Solaris - Stanislaw Lem

A estrada – Jack London (término da pesquisa)

# Leia Mulheres (de fevereiro a julho de 2017)

Cinderela Chinesa - Adeline Yen Mah

A guerra não tem rosto de mulher - Svetlana Alexijevich

Azul é a cor mais quente - Julie Maroh

Dias de abandono – Elena Ferrante

O sol é para todos – Harper Lee

Orgulho e preconceito – Jane Austen